



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA

**ELIANA BEZERRA COELHO**

**PERCEPÇÕES, PRÁTICAS AVALIATIVAS E INSTRUMENTOS UTILIZADOS NO  
PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

CAJAZEIRAS – PB  
2017

ELIANA BEZERRA COELHO

**PERCEPÇÕES, PRÁTICAS AVALIATIVAS E INSTRUMENTOS  
UTILIZADOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

Monografia apresentada ao Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores – Campus de Cajazeiras/PB, como requisito parcial para a obtenção do grau de Graduada em Licenciatura Plena em Pedagogia.

**Orientadora:** Dra. Maria de Lourdes Campos

ELIANA BEZERRA COELHO

**PERCEPÇÕES, PRÁTICAS AVALIATIVAS E INSTRUMENTOS  
UTILIZADOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

Aprovada em: 24/08/17

**BANCA EXAMINADORA**

*Maria de Lourdes Campos*

Profa. Dra. Maria de Lourdes Campos – UFCG-CFP-UAE

**Orientadora**

*Rejane Maria de Araújo Lira*

Profa. Dra. Rejane Maria de Araújo Lira – UAE/CFP/UFCG

**Examinadora**

*Belijane Marques Feitosa*

Profa. Ms. Belijane Marques Feitosa – UFCG-CFP-UAE

**Examinadora**

Profa. esp. Maria Thais de Oliveira – UFCG-CFP-UAE

**Suplente**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)  
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

C672p Coelho, Eliana Bezerra.  
Percepções, práticas avaliativas e instrumentos utilizados no processo de ensino e aprendizagem / Eliana Bezerra Coelho. - Cajazeiras, 2017.  
77f.  
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Dra. Maria de Lourdes Campos.  
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) UFCG/CFP, 2017.

1. Avaliação escolar. 2. Práticas avaliativas. 3. Instrumentos avaliativos.  
I. Campos, Maria de Lourdes. II. Universidade Federal de Campina Grande.  
III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que me iluminou nesta longa caminhada, em especial a meu pai José Eduardo Coelho (*in memoriam*) a quem sou grata pelos ensinamentos de vida.

A minha mãe Maria das Graças Bezerra pela força incondicional ao longo deste percurso acadêmico, muitas vezes árduo, mas, sem dúvida gratificante.

Ao meu esposo pelo apoio incansável e pela confiança depositada em mim do início ao fim para chegar ao término desse curso.

À minha família, que me apoiou ao longo da jornada.

Enfim, a todas as pessoas que fizeram parte da minha vida acadêmica, principalmente, aos professores que me ajudaram a construir novos saberes durante a minha formação acadêmica.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que com toda certeza, esteve ao meu lado me abençoando e permitindo que realizasse o grande sonho de concluir o curso de Licenciatura em Pedagogia.

Agradecer talvez seja um dos momentos mais nobre no processo de elaboração da monografia, reconhecer o companheirismo, a solidariedade e a compreensão daqueles que de algum modo me ajudaram a construir mais uma etapa desta existência. Emociona-me profundamente neste momento em declarar o quanto foi imprescindível à presença dos meus grandes amigos, em especial do meu esposo que sempre me apoiou me dando forças para seguir em frente e nunca pensar em desistir.

A toda minha família, em especial minha mãe Maria das Graças Bezerra Coelho que é o bem mais precioso da minha vida, pela sua presença em momentos muito difíceis, o seu carinho e sua dedicação foram suficientes para me fazer lutar pelos meus ideais, e por isso, não poderia esquecer de agradecê-la pela conquista do meu primeiro emprego, como professora, foi através dela que conheci minha área de atuação e consegui investir na minha formação.

À minha orientadora, Profa. Dra Maria de Lourdes Campos, além de professora, uma amiga, a qual me guiou durante esse e outros semestres do curso. Agradeço pela paciência, carinho, apoio e por ter dividido seus conhecimentos comigo.

Às professoras que participaram da pesquisa, momento de partilha de conhecimentos, obrigada.

À turma, do período noturno do curso de Pedagogia do Centro de Formação de Professores (CFP), com a qual pudemos compartilhar momentos de trocas de experiências e de saberes.

Aos professores do curso de Pedagogia pelos conhecimentos compartilhados e ensinamentos proporcionados.

Aos amigos que contribuíram direta ou indiretamente neste trabalho. Enfim, a todos que contribuíram para tamanha alegria.

À Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), *Campus* de Cajazeiras, por ter me acolhido no seu espaço de aprendizagem e convivência no qual aprendi muito, como profissional e pessoa.

Agradeço verdadeiramente.

## SALMO

Aquele que habita no esconderijo do Altíssimo, à sombra do Onipotente descansará. Direi ao Senhor: Ele é o meu Deus, o meu refúgio, a minha fortaleza, e nele confiarei. Porque Ele te livrará do laço do passarinho, e da peste perniciososa.

Ele te cobrirá com as suas penas, e debaixo das asas estarás seguro: a sua verdade é escudo e broquel.

Não temerás espanto noturno, nem seta que voe de dia.

Nem peste que ande na escuridão, nem mortandade que assole ao meio dia.

Mil cairão ao teu lado, e dez mil à tua direita, mas tu não serás atingido.

Somente com os teus olhos olharás, e verás a recompensa dos ímpios.

Porque tu, ó Senhor, és o meu refúgio!

O Altíssimo é a tua habitação. Nenhum mal te sucederá, nem praga alguma chegará a tua tenda.

Porque aos seus anjos dará ordem a teu respeito, para te guardarem em todos teus caminhos.

Eles te sustentarão nas suas mãos, para que não tropeces com o teu pé em pedra.

Pisarás o leão e o áspide, calçarás aos pés o filho do leão e a serpente.

Pois que tão encarecidamente me amou, também eu o livrarei; pó-lo-ei num alto retiro, porque conheceu o meu nome.

Ele me invocará, e eu lhe responderei; estarei com ele na angústia, livrá-lo-ei, e o glorificarei.

Dar-lhe-ei abundância de dias, e lhe mostrarei a minha salvação.

Este deveria ser nosso desafio maior de intelectuais e de pesquisa deste fim de século e de milênio: reinventar um conhecimento que tenha feições de beleza; reconstruir uma ciência que tenha sabor de vida e cheiro de gente, num século necrófilo, que se especializou na ciência e na arte da morte, da guerra e da destruição.

Hoffmann (2000, p. 11)

## RESUMO

Nos dias atuais é necessário repensar o processo avaliativo visando aprimorar o ensino e a aprendizagem, por isso, a avaliação deve existir para contribuir na formação do indivíduo, respeitando suas diferenças e individualidades e tornando-o capaz de resolver conflitos do seu cotidiano, exercendo também, sua própria cidadania. A avaliação é um tema relevante no contexto escolar, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental. A cada ano, a avaliação da aprendizagem escolar vem ganhando lugar de destaque nas discussões de especialistas em educação e dos professores. Este trabalho monográfico teve como objeto de estudo percepções, práticas avaliativas e instrumentos utilizados no processo de ensino e aprendizagem, tendo por objetivo geral analisar as concepções, instrumentos e práticas de avaliação dos professores nos anos iniciais do ensino fundamental. Este estudo de caráter exploratório e descritivo, teve como sujeitos 5 (cinco) professoras de uma escola pública municipal da cidade de Cajazeiras-PB. Na busca de uma melhor compreensão desse processo, utilizou-se na coleta de dados, como instrumento, uma entrevista semiestruturada, composta por 10 (dez) questões. A análise dos dados foi realizada através da Técnica de Análise de Conteúdo (AC), as falas foram categorizadas nos documentos que legislam a educação básica Constituição Federal (CF) de 1988; Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1996; embasados nos discursos dos teóricos como: Hoffmann (2001); Luckesi (2002); Esteban (2004); Perrenoud (1999); Vasconcellos (1998); Haydt (1997); Demo (2004) e os discursos das entrevistadas. Os resultados alcançados apontaram que, faz-se necessário repensar constantemente sobre as práticas avaliativas em sala de aula, e que é no compartilhamento de conhecimento entre educador e educando que se dá a aprendizagem efetiva, pois a avaliação não pode simplesmente definir pela aprovação ou pela reprovação, mas sim buscar técnicas para solucionar as dificuldades, devendo ser contínua, e nesse sentido, ela torna-se uma poderosa ferramenta na ação docente, favorecendo o aluno ao sucesso e não ao fracasso. Conclui-se, a partir dos resultados obtidos na entrevista, que o maior desafio do processo avaliativo nos anos iniciais é o olhar diferenciado, o respeito às especificidades de cada aluno, é o repensar sobre a prática pedagógica, é termos consciência de que como professores, somos os principais responsáveis pelas mudanças necessárias para vencermos os desafios de estar à frente de uma sala de aula.

**Palavras chave:** Concepções e Avaliação. Práticas avaliativas. Instrumentos avaliativos. Ensino e aprendizagem. Ensino fundamental.

## ABSTRACT

Nowadays it is necessary to rethink the evaluation process in order to enhance teaching and learning. therefore, evaluation must exist to contribute to the formation of the individual, respecting their differences and individualities and making them capable of resolving conflicts in their daily lives, also exercising their own citizenship. Evaluation is a relevant topic in the school context, especially in the early years of elementary school. Each year, the evaluation of school learning has gained prominence in the discussions of education specialists and teachers. This monographic work had the objective of studying perceptions, evaluative practices and instruments used in the teaching and learning process, with the general aim of analyzing the conceptions, instruments and practices of teacher evaluation in the initial years of elementary education. This exploratory and descriptive study, had as subjects 5 (five) teachers of a public school in the city of Cajazeiras - PB. In search of a better understanding of this process, used in data collection, as an instrument, a semi-structured interview, consisting of ten questions. The analysis of the data was performed through the Technique of Content Analysis (AC), the lines were categorized in the documents to legislate the basic CF education, 1988; LDBEN, 1996; based on theoretical discourses of Hoffmann (2001); Luckesi (2002); Esteban (2001); Perrenoud (1999); Vasconcellos (1998); Haydt (1997); Demo (2004) and the speeches of the interviewed. The results showed that, it is necessary to constantly rethink on evaluation practices in the classroom, and that is the knowledge sharing between educator and learner to effective learning because the evaluation cannot simply set the approval or disapproval, but rather seek techniques to solve the difficulties, and should be continued, and in that sense it becomes a powerful tool in teaching action, favoring the student to success and not failure. It is concluded from the results obtained in the interview that the greatest challenge of the evaluation process in the initial years is the differentiated look, respect for the specificities of each student, is to rethink about the pedagogical practice, is to be aware of that as teachers, we are the main responsible for the necessary changes to overcome the challenges of being in front of a classroom.

**Key words:** Conceptions and Evaluation. Evaluation practices. Evaluation instruments. Teaching and learning. Elementary School.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Perfil Pedagógico e Técnico.....	49
<b>Quadro 2</b> – Perfil das Entrevistadas .....	52

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Instrumentos Avaliativos .....	59
<b>Gráfico 2</b> – Aspectos de Avaliação do Aluno .....	66
<b>Gráfico 3</b> – Tipos de Avaliação.....	67

## LISTA DE SIGLAS

<b>DCNEB</b>	Diretrizes Curriculares Nacional da Educação Básica
<b>LDBEN</b>	Diretrizes e Bases da Educação Nacional
<b>PCN</b>	Parâmetros Curriculares Nacionais
<b>CF</b>	Constituição Federal
<b>AEE</b>	Atendimento Educacional Especializado
<b>ENEM</b>	Exame Nacional do Ensino Médio
<b>ENADE</b>	Exame Nacional de Desempenho de Estudantes
<b>IDEB</b>	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
<b>PPP</b>	Projeto Político Pedagógico

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	15
<b>2 PARADIGMAS TEÓRICO E PRÁTICO DA AVALIAÇÃO E OS DESAFIOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM</b> .....	20
<b>2.1 Breve Histórico da Avaliação</b> .....	21
<b>2.2 Abordagens, implicações e contribuições da Avaliação Classificatória e Mediadora</b>	27
<b>3 O PROCESSO AVALIATIVO: FUNÇÕES, INSTRUMENTOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS</b> .....	37
<b>3.1 Funções da Avaliação</b> .....	38
<b>3.2 Instrumentos e procedimentos avaliativos</b> .....	42
<b>3.3 As práticas avaliativas vivenciadas no contexto da sala de aula</b> .....	45
<b>4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....	47
<b>4.1 Lócus e Sujeitos da Pesquisa</b> .....	48
<b>4.2 Instrumentos de coleta de dados</b> .....	50
<b>5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	52
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	69
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	72
<b>APÊNDICES</b> .....	74

## 1 INTRODUÇÃO

O ponto de partida de um dos assuntos mais discutidos na atualidade educacional é a avaliação da aprendizagem escolar, no sentido de entender o que é avaliação. O ato de avaliar carrega consigo uma série de questões inerentes ao processo de ensino e aprendizagem. Nos dias atuais, refletir o processo de avaliação consiste numa necessidade indispensável ao processo avaliativo. É possível observar, o quanto está sendo discutida em vários estudos pelos teóricos Luckesi (2002), Hoffmann (2001), Vasconcellos (1998), Perrenoud (1999), Esteban (2004) entre outros, contudo, ainda uma discussão que gera polêmica entre professores, alunos e equipe pedagógica em geral. Assim, faz-se necessário rever as formas avaliativas e redefinir para avaliar de forma significativa os alunos, conhecendo suas capacidades e propiciando um ambiente pedagógico favorável, para enfim, realizar as práticas de avaliação na escolarização dos alunos e, principalmente na perspectiva de educação que propicie a inclusão de novas aprendizagens.

Este trabalho monográfico analisou as concepções, instrumentos e práticas avaliativas dos professores nos anos iniciais, vivenciadas no processo de ensino e aprendizagem com turmas do ensino fundamental, tendo por sujeitos 5 (cinco) professoras de uma escola vinculada ao município, localizada na cidade de Cajazeiras-PB. Para tanto, adotamos como objetivos específicos, refletir concepções teóricas e práticas avaliativas dos professores no processo de ensino e aprendizagem; conhecer os instrumentos de avaliação utilizados para avaliar a aprendizagem dos alunos; discutir as implicações da avaliação classificatória e contribuições da avaliação mediadora e compreender a importância da avaliação no processo de aprendizagem dos alunos nos anos iniciais do ensino fundamental.

O interesse pela escolha do tema avaliação educacional surgiu pela inquietação pessoal desenvolvida a partir da experiência vivenciada durante a minha trajetória estudantil, como docente nos anos iniciais e por meio de estudos, reflexões e aprendizagens durante aulas da disciplina Avaliação da Aprendizagem que tivemos no curso de Pedagogia. A razão de se pesquisar a avaliação escolar, é a de poder analisar quais as concepções de avaliação, os instrumentos utilizados na aprendizagem escolar, as práticas educativas vivenciadas e o caminho adequado para uma avaliação coerente aos alunos.

A palavra avaliação, sempre me proporcionou certo desconforto, ansiedade e até medo, pois as experiências que tive com a mesma na minha trajetória estudantil, favoreceram o surgimento destes sentimentos. Olhando para o passado (ensino fundamental e médio), posso perceber que a grande maioria dos professores passava uma visão distorcida a respeito

do conceito de avaliação, acredito que por falta de conhecimentos envolvendo a sua formação.

Como professora e, atualmente, coordenadora pedagógica do ensino fundamental nos anos iniciais sempre me interessou a questão da avaliação da aprendizagem, pois durante a prática docente pessoal vivenciada em sala de aula, observava o desinteresse, além da falta de compreensão dos alunos, e até dos próprios professores pelo termo avaliar, realidade essa que me suscitou a necessidade de investigar sobre essa problemática, a fim de entender o porquê da não aceitação por essa temática, como também pude perceber que, a maior parte das práticas avaliativas adotadas pelos professores, acaba não contribuindo para a construção do conhecimento e do crescimento dos educandos, muitas vezes criando verdadeiros problemas, e através disso, quem sabe buscar possíveis soluções para o problema extraído da própria parcela da realidade.

De acordo com os objetivos para a realização desse estudo, faz-se necessário desenvolver alguns questionamentos tais como: Quais as implicações da avaliação classificatória e as contribuições da avaliação mediadora? Quais instrumentos avaliativos são utilizados pelos professores no processo de ensino e aprendizagem? Quais práticas avaliativas são vivenciadas na sala de aula? Cabe pontuar que este estudo monográfico: percepções, práticas avaliativas e instrumentos utilizados no processo de ensino e aprendizagem, propõem reflexões acerca da avaliação educacional enquanto objeto de mediação, por considerá-la uma prática relevante ao aprendizado dos educandos dentro da sala de aula.

Vale ainda destacar, a contribuição deste estudo abordando este tema: percepções, práticas avaliativas e instrumentos utilizados no processo de ensino e aprendizagem, por defendermos a avaliação como uma ação que, se aplicada e interpretada adequadamente, de maneira construtiva, favorecerá o aluno diante do seu desenvolvimento educativo e pessoal, por possibilitar a identificação das progressões como meio para inclusão de todos os estudantes independentes de suas diferenças.

O professor precisa conhecer seu aluno, e desenvolver um processo de ensino e aprendizagem para constatar o que aquele aluno aprendeu, e não usar a avaliação apenas como um medidor de aprendizagem. A avaliação deve servir para o aluno se avaliar, se autoconhecer, saber aonde ele falhou e ir à busca de caminhos seguros para uma aprendizagem, apontar, mostrar o que é errado, corrigi-los e atestar, que tais notas ou conceitos possam por si só explicar o rendimento do aluno e justificar uma decisão de aprovação ou reprovação, sem que seja analisado o processo de ensino e aprendizagem.

Para a viabilidade desta pesquisa, fizemos um levantamento e um recorte dos teóricos que pudesse ancorar o objeto em questão. Dessa forma, procuramos discutir os paradigmas

avaliativos, na visão de vários autores que refletem sobre o processo de avaliação, a fim de colaborar com as possíveis respostas pertinentes aos questionamentos desse estudo, visando fundamentar teoricamente o trabalho acadêmico, através dos embasamentos teóricos ampliar o meu conhecimento sobre o tema proposto. Assim, o estudo em tela fundamentou-se em: Hoffmann (2001); Demo (2004); Esteban (2001); Luckesi (2002); Vasconcellos (1998); Haydt (1997) e Perrenoud (1999); entre outros, que abordam conceitos sobre a avaliação educacional, destacando os principais problemas e dificuldades enfrentadas por professores a respeito do processo de avaliação da aprendizagem escolar.

Como embasamento legal, este estudo sustentou-se na Constituição Federal (CF) de 1988; na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) de 1996; nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de 1997 e nas Diretrizes Curriculares Nacional da Educação Básica (DCNEB) de 2013.

Deste modo, foi feita uma análise comparativa entre a teoria - o que dizem os teóricos e a prática - o que dizem os professores na pesquisa de campo - relacionado ao objeto discutido neste trabalho, de forma a encontrar maneiras de demarcar como ocorre o processo de avaliação dos professores dos anos iniciais do ensino fundamental e quais os instrumentos são utilizados de forma significativa e com qualidade para manter o processo de ensino e aprendizagem dos alunos. Na construção deste trabalho optei pelo termo “avaliação mediadora” por acreditar que o que se faz, ou se deve fazer, numa proposta de avaliação mais humana e viabilizadora da construção do conhecimento, tem relação direta com a ideia da mediação, do diálogo e da aproximação que esta ação de mediar implica.

Sendo assim, é imprescindível conhecer mais sobre essa prática, para ampliar nossos conhecimentos, o que certamente vai aprimorar a atuação na prática docente. Diante desse contexto, este estudo poderá vir a contribuir para ampliação da reflexão de outros professores dos anos iniciais do ensino fundamental ou alunos de Pedagogia que venham a lê-lo, a respeito dos benefícios de uma prática avaliativa formativa, contínua e mediadora, ou seja, que vise o acompanhamento constante dos alunos e os posicionamentos necessários para o alcance dos objetivos de ensino.

Para obter uma melhor compreensão da temática, o trabalho foi estruturado em seis capítulos, além das reflexões nas considerações finais. O primeiro apresenta-se a introdução dando destaque à temática apresentada.

No segundo capítulo aborda os paradigmas teórico e prático e os desafios acerca da avaliação no processo de ensino e aprendizagem, a partir dos estudos de importantes teóricos que discutem e fundamentam essa temática. Destacando ainda, o breve histórico da avaliação

desde os tempos remotos até os dias atuais, bem como as abordagens, implicações e contribuições da avaliação classificatória e mediadora.

No terceiro capítulo apresenta-se um embasamento teórico do processo avaliativo, as funções, instrumentos e procedimentos da prática avaliativa no âmbito educacional, baseando-se nas reflexões e nas ações acerca da prática pedagógica, em seu contexto institucional, no espaço da sala de aula, enquanto local de produção do conhecimento tanto para o professor quanto para o aluno.

No quarto capítulo remete-se aos procedimentos metodológicos da pesquisa, o tipo de pesquisa, os sujeitos e o espaço pesquisado, as técnicas de coleta de informações, de acordo com os instrumentos utilizados, de modo a contribuir na compreensão da investigação e na construção de novos conhecimentos.

O quinto capítulo aborda o relato da coleta de informações e apresenta a análise dos dados, a partir dos sujeitos participantes da pesquisa e suas respostas por meio da entrevista, confrontando-as com o pensamento dos autores selecionados no embasamento teórico deste trabalho monográfico e da interpretação de fontes pertinentes as entrevistas que tratam do tema avaliação. Assim, foi possível fazer uma análise dos argumentos coletados e das informações teóricas obtidas, o que possibilitou a obtenção de resultados com relação ao problema investigado na pesquisa. Contemplamos no capítulo seguinte, nas considerações finais, nossa reflexão acerca do estudo realizado.

Neste aspecto, é preciso salientar que o professor é uma peça primordial no processo avaliativo que vai muito além da simples transmissão de informações. O professor participa continuamente da avaliação, decidindo seu perfil, os objetivos e metas a serem alcançadas. Com isso, esta pesquisa, voltou-se para a essência da prática avaliativa, redimensionando um novo olhar de como os professores utilizam os instrumentos de que dispõem, para revelar as necessidades dos alunos e redirecionar o seu trabalho, de forma a construir o sucesso dos seus alunos e conseqüentemente o seu próprio sucesso.

Com a realização deste trabalho, aprendi que para avaliar o aluno é preciso delinear tempos, além de respeitar as particularidades de cada um, pois cada um deles apresenta um momento individual de aprendizagem e foi por meio desses caminhos, muitas vezes repletos de desafios conflitantes que buscarei conhecer melhor o caminho que me leva a uma avaliação mais significativa a serviço do aluno.

Enfim, espero contribuir de forma significativa com o desenvolvimento desta pesquisa e conscientização da formação acadêmica de cada educador, que demonstra inquietações e anseios ao se deparar com o processo avaliativo e que assim, possam perceber que ela é um

instrumento mediador do processo de ensino e aprendizagem, que se aplicado de maneira inadequada podem trazer grandes consequências ao futuro promissor do aluno, mas si aplicado adequadamente terá como resultado uma aprendizagem significativa e prazerosa.

## **2 PARADIGMAS TEÓRICO E PRÁTICO DA AVALIAÇÃO E OS DESAFIOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**

Neste capítulo apresenta-se, reflexões sobre a avaliação da aprendizagem no contexto escolar, suas concepções, um breve histórico de acordo com alguns teóricos que discorrem sobre este tema e suas percepções quanto à avaliação classificatória e mediadora, para um melhor entendimento de seus significados.

A avaliação é um tema constante em nosso dia a dia, na prática escolar, na interação cotidiana, em casa, em nossa trajetória profissional, na educação, durante o lazer. A avaliação sempre se faz presente e inclui um julgamento de valor sobre nós mesmos, sobre o que estamos fazendo, sobre o resultado de trabalhos.

Atualmente, a temática avaliação vem sendo discutida por teóricos da educação, o que exige também por parte dos professores uma reflexão crítica, faz-se necessário compreender que a avaliação não é um produto final da aprendizagem, que sempre tem sido concebida como uma forma de controle que, através da seleção incluía poucos e excluía muitos, tendo sua prática por muitos anos reduzida a uma prática de exames e de rotulação dos educandos.

Para os alunos, avaliar é simplesmente fazer prova, tirar nota e passar de ano. Já para os professores, é visto na maioria das vezes, como uma questão burocrática. Ambos perdem nesse momento e descaracterizam a avaliação de seu significado básico de dinamização do processo de conhecimento. Segundo Luckesi (2002, p. 175), “[...] a avaliação da aprendizagem escolar auxilia o educador e o educando na sua viagem comum de crescimento [...]”.

A avaliação, nesse sentido, é vista como um instrumento de integração do processo ensino-aprendizagem o qual requer que o professor possa desenvolver uma metodologia que venha a atender de maneira global as necessidades de aprendizagem que os alunos venham a apresentar, sendo fundamental para isso que o professor possa ter grande capacidade de observação. Desse modo, é cada vez mais necessário perceber a avaliação, como um processo de mediação da aprendizagem dos alunos, dos anos iniciais do ensino fundamental, problematizando assim, a mediação e questionando de que modo os docentes de uma determinada escola pública concebem a avaliação da aprendizagem nos anos iniciais, bem como os instrumentos utilizados na prática. Hoffmann (2002, p.12) argumenta que:

Muitos fatores dificultam a superação da prática tradicional, já tão criticada, mas, dentre muitos, desponta sobremaneira a crença dos educadores de todos os graus de ensino na manutenção da ação avaliativa classificatória como

garantia de um ensino de qualidade, que resguarde um saber competente dos alunos.

Refletir sobre a avaliação é atitude de extrema relevância e desafiadora pela sua complexidade. A avaliação é um componente indispensável do processo educativo, bem como nos diferentes âmbitos educacionais, é fundamental que haja um acompanhamento na forma de construção desse processo agregando-se as tendências educacionais que representam um dos aspectos fundamentais desse processo.

A avaliação tem um significativo fundamental na prática educativa, no sentido de que é através dela que o professor procura analisar como o aluno está aprendendo os conteúdos que são ensinados em sala de aula, é uma maneira que o professor encontra de avaliar sua própria prática. Para isso, o professor deve estabelecer uma meta; planejar e traçar os métodos que serão empregados, a fim de alcançar os objetivos. Sobre isso, Moretto (2005, p. 11) afirma:

[...] Para se ter sucesso no ensino é preciso que o professor estabeleça claramente os objetivos ao preparar suas aulas, analisando os conteúdos propostos e verificando se são relevantes para o contexto de seus alunos, considerando as características psicossociais, graus intelectuais, capacidade de estabelecer relação do conteúdo ensinado com o dia-a-dia.

A partir do contexto histórico, da avaliação busca-se refletir sobre o seu papel na formação e aprendizagem do educando compreendendo, portanto, como a escola tem cumprido o seu papel de ensinar e por consequência sobre as ações avaliativas do professor mediante o sistema de ensino.

É perceptível a importância da avaliação no processo de ensino e aprendizagem, por isso, a avaliação deve existir para contribuir na formação do indivíduo, respeitando suas diferenças e individualidades e tornando-o capaz de resolver conflitos do seu dia a dia, exercendo também, sua própria cidadania, só assim a avaliação será vista como função diagnóstica e transformadora da realidade escolar.

## **2.1 Breve Histórico da Avaliação**

A avaliação no contexto da educação no Brasil foi marcada com a era do Brasil – colônia sendo associado à necessidade de catequização da comunidade indígena e imigrantes europeus e africanos. Nessa época, a educação que seguia basicamente um modelo

padronizado regido pela Companhia de Jesus, orientada pela doutrina da Igreja Católica, além de estar diretamente ligada aos movimentos políticos daquela época, com a finalidade de ensinar a doutrina cristã.

As práticas de avaliação que conhecemos hoje tiveram sua origem na escola moderna sistematizada desde o início do século XVI, com a Pedagogia dos padres jesuítas, pelo bispo protestante John Amós Comenius, no fim do século XVI e início do século XVII. Estas práticas tornaram-se indissociáveis do ensino de massa que surgiu com a escolaridade obrigatória, a partir do século XIX.

A avaliação da aprendizagem tem seus princípios e características no campo da Psicologia, sendo que as duas primeiras décadas do século XX foram marcadas pelo desenvolvimento de testes padronizados para medir as habilidades e aptidões dos alunos, pois a avaliação constitui uma operação indispensável em qualquer sistema escolar. A partir da psicologia educacional que surge com precisão a coleta de dados coerentes a cada indivíduo, onde a prática que conhecemos hoje é por sua vez, herdeira desse período, no sentido de excluir grande parte dos alunos por meio de julgamento.

A formação do professor é essencial para que este possa compreender como acontece o ensino e aprendizagem, e adquirir concepções inovadoras acerca da avaliação. A legislação vigente na educação, muitas vezes é desconhecida e ignorada por muitos professores, tendo contato apenas com estes documentos na sua formação inicial de maneira geralmente vaga e com o tempo não se aprofundam em questões fundamentais.

Hoffmann (2000, p.144), reflete à superficialidade da formação do professor, quando se fala em avaliação:

É preciso dar-se conta da superficialidade de formação da maioria dos professores nessa área. Mesmo se referindo a uma visão tradicional e classificatória da avaliação ou concepção de medidas educacionais, poucos são os cursos de formação que até hoje, em seu currículo, incluem mais do que uma disciplina (universidade) ou algumas poucas horas de estudo em avaliação educacional. Dessa forma, quando o assunto é avaliação, não se trata de cursos de aprofundamento, mas de formação.

Nesse sentido, a temática avaliação ainda é pouco compreendida, é percebida como um processo regido por normas, condutas e códigos criados pelo ser humano, sendo assim, uma prática autoritária, funciona como um instrumento de aprovação ou reprovação.

Na década de 1970, por meio desse método da Psicologia, os educadores passaram a enxergar um novo caminho para a avaliação escolar, logo, surgia uma ciência que trazia em si

uma nova visão, mais ampla sobre o como compreender o desenvolvimento humano. Com isso a avaliação nas escolas passou a ser vista como um componente construtivo. Buscava-se um novo modelo de ensino, os professores passaram a rever seus métodos avaliativos procurando elementos de avaliação capazes de fazer o aluno a pensar da sua forma, sem limitar-se em respostas meramente transmitidas pelo seu professor.

Como podemos observar, foi a partir dos anos 1970 que Luckesi começa a tratar a avaliação da aprendizagem como uma questão filosófica, sociológica e política. Definindo assim, o ato de avaliar como uma forma de subsidiar a aprendizagem satisfatória do educando, através de um acompanhamento rigoroso, como podemos citar alguns exemplos de avaliação desse tipo: o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), Exame Nacional de Desempenho de estudantes (ENADE), Prova Brasil, Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), dentre outras de diferentes níveis.

A avaliação passou por muitas mudanças, foi compreendida de diversas maneiras ao longo da história, ganhou novas dimensões no cenário educacional e hoje o maior desafio é a mudança de postura, lançando um novo olhar para o aluno, apesar dos conceitos arcaicos sobre avaliação tão enraizados em nossa prática pedagógica.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) apresentam um norte para avaliação nos anos iniciais que ultrapassa a visão da avaliação tradicional, “[...] para ser entendida como parte integrante e intrínseca ao processo educacional” (BRASIL, 1997, p.55).

De acordo com os PCN (1997), o professor deve interpretar qualitativamente os conhecimentos construídos pelos alunos, realizando uma avaliação contínua e sistemática. A avaliação, nesta perspectiva, auxilia tanto o professor quanto os alunos e a escola. Com isso, a avaliação subsidia o professor em uma:

reflexão contínua sobre a sua prática, sobre criação de novos instrumentos de trabalho e a retomada de aspectos que devem ser revistos, ajustados ou reconhecidos como adequados para o processo de aprendizagem individual ou de todo o grupo. (BRASIL, 1997, p.54).

E, em relação ao aluno, a avaliação:

[...] é um instrumento de tomada de consciência para suas conquistas, dificuldades e possibilidades para a reorganização de seu investimento na tarefa de aprender. Para a escola, possibilita localizar quais aspectos das ações educacionais demandam maior apoio. (BRASIL, 1997, p.55).

Os PCN (1997) ressaltam a importância de se fazer uma avaliação investigativa inicial, e ao final da unidade de ensino. Essa prática é vista como essencial para que o professor possa planejar e dá continuidade ao processo de aprendizagem, podendo averiguar a relação entre a construção do conhecimento por parte dos alunos e os objetivos que o professor se propôs.

Atualmente na escola, a avaliação tem sido usada para aprovar ou reprovar, caracterizando-se como “bicho de sete cabeças” que intimida o aluno. E acaba ficando descomprometida com a aprendizagem do mesmo, contribuindo para uma imagem negativa, e conseqüentemente o fracasso escolar, sendo cada vez mais comum encontrar no âmbito escolar uma avaliação que impulsiona medo no educando. Ou seja, é necessário que o professor saiba avaliar o nível de aprendizagem do aluno sem desmerecê-lo em outras partes. Hoffmann (1997, p.41) diz que “[...] Avaliar significa identificar impasses e buscar soluções”. Logo, na avaliação não devemos classificar o educando, mas sim voltar o olhar para a solução dos problemas detectados em favor da melhoria de sua aprendizagem.

Assim, na concepção da autora é fundamental perceber a avaliação como uma:

[...] reflexão transformada em ação. Ação, essa, que nos impulsiona a novas reflexões. Reflexão permanente do educador sobre sua realidade, acompanhamento passo a passo, do educando, na sua trajetória de construção do conhecimento. Um processo interativo, através do qual educandos e educadores aprendem sobre si mesmos e sobre a realidade no ato próprio da avaliação. (HOFFMANN, 2001, p.17).

Dessa maneira, é imprescindível que o docente defina aonde se quer chegar, para que assim, consiga traçar metas e procedimentos que propicie uma relação entre professor e aluno, pois é através da avaliação que o aluno vai conseguir ver seus avanços e dificuldades e o professor auxiliá-lo a superar estas dificuldades e saber identificar os erros e investigar seus significados, observá-los segundo diferentes pontos de vista e, desse modo, possibilitar uma postura mais crítica sobre o que se sabe e o que falta aprender.

A análise dos erros é uma das formas mais legítimas de uma avaliação elaborada com carinho. Porém, parece ser fácil de compreender que é oportuno transferir uma prática avaliativa autoritária e conservadora em uma prática diagnóstica. Pois, o conceito de educação que se mostra é de que, o professor deixa de ser um transmissor de conhecimento, para ser um companheiro, um guia nesta longa jornada que é a educação.

Sendo, o professor um mediador do conhecimento, não deve prejudicar um aluno, pois, uma avaliação mal elaborada não favorece a aprendizagem do aluno, e também atrapalha

seu desenvolvimento escolar, pois toda vez que a criança é reprovada, ela volta ao ponto de partida e entende isso como um fracasso afetando seu lado psicológico. Assim, ficam claras as palavras de Demo (2002, p.45) quando expõe que a repetência não favorece a aprendizagem. Claro que não se pode ver a prova como uma coisa ruim, é necessário que o docente saiba das limitações e promova outros métodos de avaliação, pois há outros instrumentos que se encaixam nas possibilidades de uma avaliação formativa.

Para Perrenoud (1999, p.151) “[...] Toda avaliação formativa baseia-se na aposta bastante otimista de que o aluno quer aprender e deseja ajuda para isso, isto é, que está pronto para revelar suas dúvidas, suas lacunas, suas dificuldades de compreensão da tarefa.” Por isso, o momento de avaliar é importante na prática docente, mas não é tarefa fácil e muitos professores encontram dificuldades em compreender essa prática como processo dinâmico e processual formativo.

A LDBEN (1996) rege que a avaliação deve ser vista como um recurso para auxiliar o professor em sua prática educativa, prevalecendo à qualidade da avaliação sobre a quantidade.

Tendo como referência os PCN (1997) diz que:

A avaliação vai além da visão tradicional, que focaliza o controle externo do aluno, através de notas ou conceitos, para ser compreendida como parte integrante e intrínseca ao processo educacional. A avaliação ao não se restringir ao julgamento sobre sucessos ou fracassos do aluno, é compreendida como um conjunto de atuações que tem função de alimentar, sustentar e orientar a orientação pedagógica (BRASIL, 1997, p.55).

Quando falamos em avaliação da aprendizagem do aluno temos também que voltar o olhar para a prática de avaliação do trabalho do professor, pois estão interligadas. Nos anos iniciais do ensino fundamental a avaliação deve ser pensada pelo professor como um meio de ter um retorno de como anda seu trabalho, não deve ser usada como punição para o aluno. A autora Haydt (1994, p. 56) enfatiza que:

[...] O termo avaliar tem sido constantemente associado a expressões como fazer provas, fazer exames, atribuir nota, repetir ou passar de ano. Essa associação tão frequente em nossas escolas é resultado de uma concepção pedagógica arcaica, mas tradicionalmente predominante.

Como podemos perceber a avaliação, desde o início da educação, é uma poderosa forma de acompanhar o desenvolvimento do ensino e aprendizagem, em sala de aula. A realidade em sala de aula é bem desafiadora para os professores atualmente, vemos muitas

mudanças no que se refere a estratégias pedagógicas, mais no que concerne a avaliação ainda temos muito que avançar.

O próprio professor muitas vezes associa a avaliação a algo não muito bom, que deve amedrontar os alunos, como se o conhecimento apenas devesse ser reproduzido em um único dia, o que não é, pois no processo de aprendizagem é necessário primar pelo conhecimento do aluno e não apenas aos resultados obtidos por notas. Na ótica da avaliação formativa deve ser considerado o processo de como o aluno aprende, quais suas dificuldades, que a avaliação contemple todas as necessidades para a formação de um cidadão crítico. Através da construção do seu próprio conhecimento, que o aluno adquire o hábito de aprender. Nesse aspecto:

No início de cada unidade de ensino, é recomendável que o professor verifique quais as informações que seus alunos já têm sobre o assunto, e que habilidades apresentam para dominar o conteúdo. Isso facilita o desenvolvimento da unidade e ajuda a garantir a eficácia do processo ensino-aprendizagem. (HAYDT, 1997, p. 20)

Isso implica atribuir à avaliação seu verdadeiro papel no âmbito educacional, pois até agora muitas mudanças foram vistas, mas infelizmente trazendo para o contexto atual, poucas surtiram efeitos. Atualmente, o que observamos nas escolas da rede pública, é a precariedade no ensino durante o seu processo de avaliação. Os educadores precisam buscar uma melhor formação quanto ao conhecimento de novos instrumentos e métodos avaliativos e qual o melhor para avaliar o desenvolvimento cognitivo dos educandos durante as atividades que lhes são expostas pelo educador.

Cabe ao professor, no início de cada ano letivo, conhecer seu aluno e fazer uma avaliação prévia dos seus conhecimentos, utilizando-se de novas metodologias, através de dinâmicas, jogos e brincadeiras, sem assustar e sem dizer ao aluno “você está sendo avaliado ou vamos ver o que você já sabe”.

Como bem sabemos o trabalho do professor, é uma atividade complexa e exigente, não basta ser competente ao lidar com o conteúdo, é preciso comprometer-se com o aluno, sendo assim, é necessária organização em relação ao trabalho pedagógico, precisa estar sempre a pesquisar, a buscar algo novo, refletindo diariamente sobre a sua prática pedagógica, buscando um processo avaliativo coerente, que tenha como foco o ensino e a aprendizagem do seu aluno. Concordamos com Demo (2002, p.41) ao salientar que:

A avaliação há de ser um processo permanente e diário, não uma intervenção ocasional, extemporânea, intempestiva, ameaçadora. A prova é vista como ato de força, barreira dura de ser superada. O resultado dela é típico: em vez

de fortalecer o projeto educativo, concede ou retira a “aprovação” sem falar que não representa uma maneira de avaliar, na qual o avaliado possa adequadamente se defender.

Portanto, é de grande importância ressaltar a necessidade do profissional da educação durante a avaliação, saber escolher os mecanismos coerentes para não chegar a consequências desagradáveis, tanto na sua prática, na qual deve ser refletida por ele mesmo, como também no crescimento intelectual e pessoal do aluno. O que percebemos é que atualmente, a realidade em sala de aula é bem desafiadora para os professores, vemos muitas mudanças no que se refere a estratégias pedagógicas, mais no que concerne a avaliação ainda temos muito que avançar.

## **2.2 Abordagens, implicações e contribuições da avaliação classificatória e mediadora**

A avaliação recebe diferentes conceitos tanto no meio educacional quanto na visão de autores que estudam essa temática. Esses vários significados acabam por tornar a avaliação um fenômeno difícil de ser definido. Hoffmann (1997, p.13) argumenta que:

O fenômeno avaliativo é hoje um fenômeno indefinido. Professores e alunos que usam o termo atribuem-lhe diferentes significados relacionados, principalmente, aos elementos constituintes da prática tradicional: prova, nota, conceito, boletim, recuperação, reprovação.

Na visão da autora, a “avaliação, é ação e reflexão”, ou seja, os professores precisam refletir sobre suas práticas pedagógicas utilizada na sala de aula, para poder desta forma melhorar e refletir acerca dos resultados obtidos. A avaliação precisa ser considerada um processo amplo, passando de modo a investigar a aprendizagem contínua e permanente, tanto das ações dos professores como os caminhos percorridos pelas crianças a construção do seu próprio conhecimento.

O termo “avaliar” quer dizer dar valor a alguma coisa, conforme assinala Luckesi (1997, p.76) [...] o conceito ‘avaliação’ é formulado a partir das determinações da conduta de ‘atribuir um valor ou qualidade a alguma coisa, ato, ou curso de ação que, por si, implica um posicionamento positivo ou negativo [...].

Esse autor ainda comenta que “entendemos avaliação como um juízo de qualidade sobre dados relevantes tendo em vista uma tomada de decisões” (LUCKESI, 2002, p. 69). A partir dessa afirmação, podemos compreender que o educando, após obter resultados da

aprendizagem dos alunos faz uma comparação com suas perspectivas e assim, atribui-lhe uma qualidade de satisfação ou insatisfação, tomando decisões a respeito do processo de ensino-aprendizagem.

O principal sujeito do processo de aprendizagem é o aluno, pois ele contribui com suas experiências, seus conhecimentos, valores e crenças, o que dá sentido real na avaliação escolar dos educandos. O professor exerce um papel fundamental, estando na linha de frente do processo de ensino e aprendizagem.

Outro conceito atribuído à avaliação da aprendizagem corresponde a uma postura de cooperação entre aluno e professor, de modo que ambos possam trabalhar juntos em um único propósito de aprendizagem. Isto é enfatizado por Sant'Anna (1998, p. 31-32) argumenta: avaliação é um processo pelo qual procura identificar, aferir, investigar e analisar as modificações do comportamento e rendimento do aluno, do educador, do sistema, confirmando se a construção do conhecimento se processou, seja teórico (mental) ou prático.

Na definição da autora, pode-se perceber que avaliação precisa ser investigativa pelas causas da não aprendizagem do aluno. Depois de se obter o resultado, o educador mudaria sua prática pedagógica se necessária, para que assim ambos possam construir novos conhecimentos. No entanto, o que se pode observar nas escolas, é que o professor ciente dos problemas acaba por apontar aos alunos as falhas do processo fazendo, desta forma uma prática avaliativa improvisada e arbitrária.

Segundo os PCN (1997), ao avaliar o aluno, os professores devem ter claros os critérios que nortearão esta prática. Nesse sentido, está explicitado que:

[...] Os critérios não expressam todos os conteúdos que foram trabalhados no ciclo, mas apenas aqueles que são fundamentais para que se possa considerar que um aluno adquiriu as capacidades previstas de modo a poder continuar aprendendo no ciclo seguinte, sem que seu aproveitamento seja comprometido (BRASIL, 1997, p.58).

Para Haydt (1997, p. 10) “[...] avaliação consiste na coleta de dados quantitativos e qualitativos e na interpretação desses resultados com base em critérios previamente definido” De acordo com a autora, o processo avaliativo é abrangente e não pode se limitar somente ao testar e medir. É necessário que o educador interprete os dados coletados e faça comparações com o que se pretendia alcançar agindo na busca de melhorar o processo ensino aprendizagem e proporcionando um desenvolvimento cognitivo, afetivo e psicomotor.

Corroborar-se com o pensamento de Esteban (2001, p.9) ao discorrer que:

A avaliação educacional é parte fundamental do processo educativo que, se não estivesse nele seria incompleto ou sem sentido. Por isso, nenhuma escola ou nenhum curso pode deixar de tê-la, mesmo que seja indesejável a sua existência para maioria dos alunos e de professores.

Nessa percepção, sendo parte de um processo maior, a avaliação deve ser usada tanto no sentido de um acompanhamento do desenvolvimento no ensino e aprendizagem, como uma apreciação final sobre o que o educando pôde obter de forma significativa para seu conhecimento futuro.

Com essa visão, percebe-se a relevância da avaliação como algo construído e consolidado em uma cultura onde avaliar seja uma garantia ao direito de aprendizagem, implementado na Proposta Curricular e do Projeto Político Pedagógico da escola e não busque apenas avaliar para classificar e limitar os direitos constitucionais dos alunos.

Logo, o professor precisa participar de forma efetiva nesse projeto global da escola, ou seja, com o Projeto Político Pedagógico (PPP), pois, de acordo com Luckesi (1998, p. 1):

[...] A avaliação da aprendizagem escolar adquire seu sentido na medida em que se articula com um projeto pedagógico e com seu projeto de ensino. No caso que nos interessa, a avaliação subsidia decisões a respeito da aprendizagem dos educandos, tendo em vista garantir a qualidade do resultado que estamos construindo. Por isso, não pode ser estudada, definida e delineada sem um projeto que a articule.

Nessa direção, a avaliação edifica o seu sentido no fazer pedagógico quando se encontra de maneira processual, inclusiva e mediadora, sendo assim, a favor do estudante, ou seja, fazendo uso do seu recurso metodológico para a reorientação do processo de ensino e de aprendizagem, buscando atingir seus objetivos planejados ao longo do ano letivo por você professor, bem como pela escola.

Partindo desses pressupostos, a LDBEN (1996) possibilita novos olhares sobre os princípios de avaliar como parte do processo de ensino-aprendizagem, o que é confirmado em seu Art. 24, inciso V:

[...] A verificação do rendimento escolar observará critérios, dentre eles podemos destacar: a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais; b) possibilidade de aceleração de estudos dos alunos com atraso escolar; c) possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado (BRASIL, 1996, p.15).

Portanto, com base nesta lei a avaliação é um processo que deve ser incorporado à prática do professor, sendo um processo contínuo e os critérios qualitativos devem prevalecer sobre os quantitativos, em que todas as experiências, manifestações, vivências, descobertas e conquistas das crianças devem ser valorizadas. A atribuição de notas deve ser apenas uma parte do processo avaliativo e não o mais importante.

No entanto, o que hoje é proposto pela LDBEN (1996), não está sendo exercida de fato na prática pedagógica do professor, o qual vem utilizando a avaliação como instrumento de maneira quantitativa. A prática da avaliação escolar, ao invés de servir como meio de perceber como os alunos avançam na construção de seus conhecimentos, atua como um fim de um processo classificatório.

Para Luckesi (1998), a maioria das escolas com o ensino regular infelizmente utiliza a avaliação como instrumento de classificação, como produto final e não um processo de aprendizagem, medindo a capacidade e mostrando se o aluno realmente aprendeu ou não o conteúdo proposto pelo professor por meio de uma nota, de qualquer forma, impossibilita o aluno de progredir ou desenvolver-se.

A avaliação nesse caso, é usada como um mecanismo para selecionar ou classificar o aluno em “forte” ou “fraco”. Essa é uma postura de avaliação puramente tradicional, uma vez que classifica o aluno ao final de um período em reprovado ou aprovado, o oposto a um significado de comprometimento do aluno com o crescimento do seu aprendizado. Sobre isso, Esteban (1996,p.15), coloca que:

[...] A avaliação escolar, nessa perspectiva excludente, seleciona as pessoas, suas culturas e seus processos de conhecimento, desvalorizando saberes; fortalece a hierarquia que está posta contribuindo para que diversos saberes sejam apagados, percam sua existência e se confirmem com ausência de conhecimento.

A importância da avaliação no processo de ensino e aprendizagem é indiscutível, pois classificando nossos alunos, tirando deles a espontaneidade de expor os seus saberes, aplicando provas e exames como ameaça que pune os alunos, condicionando-os a estudarem por medo, estamos contribuindo para um forte índice de evasão escolar, bem como apagando os conhecimentos e a criatividade do pensar das crianças, precisamos fazer uso dos procedimentos avaliativos como fator de motivação e não o contrário.

Atualmente, os professores e as escolas ainda não avaliam a aprendizagem do educando, mas sim o examinam, isto é, denominam práticas de avaliação, que de fato, são exames que classificam o seu desenvolvimento, fazendo da avaliação como uma lógica do

trabalho, passando a integrar a relação professor com aluno, predominando a atribuição de notas que permeiam como forma de classificação.

Segundo Hoffmann (1997, p.87) a avaliação tem se caracterizado como disciplinadora punitiva e discriminatória, como decorrência, essencialmente, da ação corretiva do professor e dos enunciados que emite a partir dessa correção. Daí a crítica que faço sobre a utilização de notas, conceitos, estrelinhas, carimbos, e outras menções nas tarefas dos alunos. O sentido discriminatório da avaliação começa neste momento, visto que a escola tem usado a avaliação como um instrumento para medir a capacidade que os alunos detêm por meio da nota e diversos outros instrumentos.

Sendo assim, segundo a autora a avaliação classificatória ainda está presente atualmente nas escolas brasileiras, e, deste modo, caracteriza-se pelo destaque para o aspecto disciplinador e punitivo, e, portanto, não possibilita a reflexão sobre o processo de construção dos conhecimentos e das aprendizagens dos educandos, e não ajuda este mesmo sujeito a superar os seus erros e as suas dificuldades, pois, classificam-se e comparam-se uns alunos com os outros, utilizando-se de notas, conceitos, ou seja, fica determinado se o aluno é ótimo, bom, regular ou ruim.

Este sistema de avaliação, muitas vezes é imposto aos alunos desde os anos iniciais, cuja preocupação sempre esteve pautada no que ele aprendeu e não no significado e qualidade da aprendizagem, ou seja, os métodos utilizados na construção da sua aprendizagem, muitas vezes deixando de lado o que o aluno traz de conhecimento, tornando-se assim sem nenhuma relevância.

Luckesi (2002, p.18) chama atenção para que os:

[...] Pais, sistema de ensino, profissionais de educação, professores e alunos, todos tem suas atenções centradas na promoção, ou não, do estudante de uma série de escolaridade para outra. O sistema de ensino está interessado nos percentuais de aprovação/reprovação do total dos educandos; os pais estão desejosos de que seus filhos avancem nas séries de escolaridade; os professores se utilizam permanentemente dos procedimentos de avaliação como elementos motivadores dos estudantes, por meio da ameaça; os estudantes estão sempre na expectativa de virem a ser aprovados ou reprovados e, para isso, servem-se dos mais variados expedientes. O nosso exercício pedagógico escolar é atravessado mais por uma pedagogia do exame que por uma pedagogia do ensino/ aprendizagem.

Nesta perspectiva pode-se destacar que o enfoque da escola, de pais e professores quase sempre está direcionado ao resultado da aprovação ou reprovação dos alunos. O ato de avaliar, um recurso tão precioso e fundamental, não deve se limitar a métodos de punição,

julgamentos ou rotulação do estudante. A avaliação precisa ser vista como um método positivo, tanto no ensino como na aprendizagem.

Alguns alunos e professores acabam realçando num primeiro momento o aspecto quantitativo (nota e o resultado), deixando em segundo plano a reflexão sobre o processo de aprendizagem do educando.

Na concepção dos autores Neto e Aquino (2009) a avaliação classificatória apresenta os seguintes atributos: dá ênfase somente ao aspecto quantitativo, ou seja, o que importa é a quantidade de conteúdos e de acertos demonstrados pelos educandos, e não o processo de construção das aprendizagens e dos conhecimentos dos alunos, em que, o ato de verificar a aprendizagem do aluno é momentâneo, pois, considera-se a nota e o resultado final, não contribuindo para superação das dificuldades e dos erros apresentados pelos educandos durante todo o processo avaliativo e educativo, além disso, o avaliar classificatório serve como ameaça para manter a disciplina.

Na atualidade, já é possível constatar que a função da avaliação classificatória vem sendo repensada no contexto escolar, embora ainda esteja muito presente no sistema educacional. E por fazer parte desse sistema, nós temos uma avaliação que não valoriza o processo, e sim o resultado, isto é, a nota, sobrepondo o aspecto qualitativo (aprendizagem) pelo quantitativo (notas).

O trabalho pedagógico, numa avaliação classificatória, possui um caráter autoritário, fragmentado e hierarquizado. Autoritário, no sentido da definição dos critérios de avaliação e das demais atividades escolares partirem somente do professor, considerado o único sujeito da relação capaz de estabelecer estes critérios. Essa é uma avaliação fragmentada, por considerar somente o cognitivo do aluno, esquecendo-se que ele também é um ser pensante e construtor de seu próprio conhecimento.

Esteban (2004, p.15) ressalta que “[...] A avaliação classificatória configura-se com as ideias de mérito, julgamento, punição e recompensa, exigindo o distanciamento entre os sujeitos que se entrelaçam nas práticas escolares cotidianas”. Esta perspectiva exclui o aluno como sujeito protagonista da aprendizagem e construtor do seu próprio conhecimento.

Nesta perspectiva, o professor é tido como o “dono do saber”, onde transmite conhecimentos aos seus alunos e eles são obrigados a decorar, esses conhecimentos que serão testados e avaliados através dos exames. Logo, a avaliação classificatória funciona como um instrumento de controle, podendo o professor decidir sobre o futuro do seu aluno no âmbito escolar.

De acordo com Hoffmann (1998, p.17) quando o professor recorre à avaliação

classificatória rompe com o processo prazeroso que deveria acompanhar o ato de aprender. Um professor que avalia seu aluno com a perspectiva de classificar segundo critérios estabelecidos ou não, desconsidera-se o crescimento individual do aluno e ignora as suas potencialidades quanto um ser que o torna histórico que se constitui no convívio com os outros mantendo assim uma história de vida segregada de emoções e de aprendizagens.

A avaliação pode até parecer uma prática neutra, ou uma simples atividade técnica no âmbito pedagógico, no entanto, ao aprofundar um pouco mais sua função, percebe-se que sua influência pode ir mais além e interferir de forma positiva ou negativa na vida do educando.

Diante disso, a avaliação classificatória torna-se mecanismo de seleção e exclusão, percebe-se que uma das primeiras coisas que os alunos perguntam no início do ano é como serão avaliados e por quais critérios serão promovidos. Os professores usam os instrumentos de avaliação como ameaça para conseguir disciplinar as turmas, em vez de usá-los como elementos motivadores da aprendizagem. Vale ressaltar que, para muitos professores é fundamental adquirir novas metodologias para assim garantir o aprendizado significativo e prazeroso ao aluno e conseqüentemente, a qualidade na avaliação imposta aos mesmos.

Na visão de Luckesi (1997, p.19) os próprios pais das crianças e dos jovens, em geral, estão na expectativa das notas dos seus filhos. O importante é que tenham notas para serem aprovados. A sociedade, pelo menos aparentemente, contenta-se com a apresentação dos resultados estatísticos pelo sistema escolar. No entanto, qualquer trabalho diferenciado que seja feito pela escola é motivo de preocupação, pois a aprendizagem significativa, social e politicamente, é algo novo e desestabiliza a estrutura vigente, causando preocupação.

Desse modo, a diversidade de conhecimentos dos alunos está sendo desvalorizada e a prática do educador forma-se como excludente na medida em que vai selecionar o que pode e deve ser aceito no seu trabalho. Conforme Luckesi (1997, p.28), “[...] a avaliação não se dá nem se dará num vazio conceitual, mas sim dimensionada por um modelo teórico de mundo e de educação, traduzido em prática pedagógica”. Com essa prática avaliativa, a escola em vez de propor e trazer uma aprendizagem e um crescimento cultural destrói dentro da criança o prazer de entender melhor o mundo e crescer na compreensão e visão da realidade em que ela se insere.

Desse modo, a avaliação não seria somente um instrumento para aprovação ou reprovação dos alunos, mas sim de diagnóstico e mediação de sua situação, servindo para a verificação da construção de saberes e competências dos alunos, esperando-se assim que a avaliação se torne uma poderosa alavanca para a ampliação do êxito na escola. Seu objetivo não será somente o de classificar nem selecionar, mas contribuir para o crescimento dos

alunos. O educador precisa aproximar-se mais de seus alunos, interessando-se mais efetivamente pela caminhada com êxito.

Segundo Vasconcellos (1998) a resistência a mudanças pode ter diferentes origens, falta de conhecimento, falta de segurança em fazer o novo, defesa natural diante de situações novas, entre outros. Neste sentido, é perceptível observar que a maioria ainda reproduz apenas o que aprendeu durante a sua formação acadêmica, não questionando o sistema educacional, por acreditarem na impossibilidade de melhorias, de crescimento e de possíveis mudanças, e diante disso, utilizam-se apenas da avaliação classificatória, seletiva e excludente, esquecendo-se de propiciar aos alunos o desenvolvimento de suas potencialidades sejam intelectual e psicológica.

A avaliação deve ser um auxílio para saber se os objetivos foram atingidos, quais ainda faltam e as interferências do professor que podem ajudar o aluno. Por isso é recomendável que ao iniciar o ano letivo o professor faça uma avaliação da sua classe, para verificar o que os alunos trazem de conhecimentos prévios que poderão ser aperfeiçoados com as próximas práticas, favorecendo assim a novas oportunidades, sem que haja uma padronização de notas e valores. Ao definir objetivos os professores deve delinear as ações educativas e este processo deve ocorrer respeitando a realidade escolar do aluno, sua história e a comunidade em que está inserido, devendo considerar as possibilidades e limites que este cenário educativo lhe oferece.

A avaliação mediadora propõe uma ação reflexiva da aprendizagem, ao invés de uma avaliação classificatória, de julgamento de resultados. Na avaliação mediadora o professor tem como papel participar do sucesso ou do fracasso dos alunos, ou seja, o professor tem a responsabilidade de através de uma prática reflexiva conhecer o seu aluno e identificar a maneira adequada de promover a aprendizagem levando em conta seus conhecimentos anteriores. O professor terá que possuir uma postura reflexiva e uma formação continuada para saber avaliar o aluno, avaliar a si mesmo e avaliar a avaliação que deverá ser permanente, pois se o aluno fracassar não será apenas sua responsabilidade, mas também do professor, que ao avaliar seu aluno diariamente ele estará avaliando o seu próprio trabalho e com isso, buscando novos caminhos e alternativas para que a aprendizagem ocorra de maneira significativa.

Nesta perspectiva de avaliação, o erro é considerado como parte do processo na construção do conhecimento e não como algo passível de punição. O professor cria situações desafiadoras que tornem capaz a reflexão e ação tornando a aprendizagem mais significativa. Para Hoffmann (2000) é responsabilidade do educador trabalhar a individualidade do seu

aluno, respeitando suas diferenças com o intuito de formar jovens autônomos, críticos e cooperativos. Nesse sentido, ao trabalhar nessa perspectiva, o professor ao propor uma tarefa define suas intenções, pois sua prática é uma ação que deve ser planejada, sistemática e intuitiva, o aluno passa a ser o centro do processo de ensino, deixando de lado a educação bancária onde é apenas um depósito de idéias e não agente atuante na aprendizagem.

A mediação é aproximação, diálogo, que assume um papel de grande relevância na educação, é o acompanhamento do jeito de ser de cada aluno, bem como da sua história pessoal e familiar, nela o tempo do aluno deve ser respeitado, pois ele é sujeito e produtor de seu conhecimento. Uma avaliação com caráter mediador possibilita ao aluno construir seu próprio conhecimento, onde o professor pode intervir positivamente com seus conhecimentos, respeitando e valorizando suas ideias, ou seja, acompanhando o processo de ensino aprendizagem do educando.

Um professor mediador preocupa-se com a aprendizagem de seu aluno e tem a observação e reflexão como um aliado na construção do conhecimento, ao observar seu aluno o mesmo é capaz de identificar suas habilidades e trabalhá-las plenamente e também suas dificuldades procurando alternativas junto ao aluno para transformar a aprendizagem em um momento prazeroso e levar o aluno a perceber sua importância para a construção de seu próprio conhecimento. A esse respeito, Luckesi (1997,p.35), advoga que:

O educando como sujeito é histórico; contudo, julgado e classificado, ele ficará para o resto da vida, do ponto de vista do modelo escolar vigente, estigmatizado, pois as anotações e registros permanecerão, em definitivo, nos arquivos e nos históricos escolares, que se transformam em documentos legalmente definidos.

Diante desse contexto, percebemos o quanto a avaliação ainda continua apoiada nas bases tradicionais, fortemente enraizadas nas práticas educacionais que esperam sempre um rendimento escolar satisfatório dos alunos, pois é assim que se encontra o nosso sistema educacional.

Ainda nessa perspectiva, na avaliação mediadora é possível compreender que cada aprendizagem tem o seu momento próprio e é diferenciada em cada aluno, propiciando tanto ao professor quanto ao aluno reflexões sobre as práticas pedagógicas utilizadas, o que muitas vezes precisam ser repensadas, pois se cria um ambiente de investigação e intervenção, adequadas à observação de cada aluno. A avaliação deve ser organizada de forma a favorecer a aprendizagem dos alunos, promovendo a evolução dos alunos, mas acima de tudo respeitando o tempo de cada um.

Sendo assim, a avaliação mediadora irá se revelar a partir de:

[...] uma postura pedagógica que respeite o saber elaborado pelo aluno, espontâneo, partindo de ações desencadeadoras de reflexão sobre tal saber, desafiando-o a evoluir, encontrar novas e diferentes soluções às questões sucessivamente apresentadas pelo professor. (HOFFMANN, 2000, p. 58).

É necessário que o professor acompanhe seu aluno, no sentido de estar junto e caminhar com ele para que seja possível a observação passo a passo de seus resultados individuais, porém segundo Hoffmann (2000), acompanhamento e diálogo por si só não conduzem a uma avaliação mediadora, pois nesta prática o diálogo é muito mais que uma conversa e o acompanhamento é muito mais que observar os alunos realizarem uma tarefa. Na mediação, dialogar é refletir em conjunto e acompanhar é favorecer o vir a ser, realizando ações educativas que possibilitem novas descobertas, proporcionando vivências enriquecedoras e favorecedoras à ampliação do saber.

É fundamental pensar numa avaliação que não vise apenas classificar os alunos, uma vez que não possibilita o desenvolvimento pleno das potencialidades do aluno, nem auxiliará na sua aprendizagem, deve-se pensar o ser humano na sua totalidade como um sujeito histórico, pensando assim, numa avaliação que abranja todos estes aspectos e a avaliação mediadora nos possibilita compreender que cada aprendizagem tem o seu momento próprio e é diferenciada em cada aluno, propiciando tanto ao professor quanto ao aluno momentos de reflexões sobre as práticas pedagógicas utilizadas.

Nesse sentido, pode-se perceber que o processo avaliativo ainda é regido pelo vigente modelo de sociedade imposto pelo sistema escolar. Logo, diante da necessidade de uma avaliação mais ampla e melhoria no processo de ensino e aprendizagem é necessário adotar novas práticas educativas na perspectiva da avaliação mediadora.

### **3 O PROCESSO AVALIATIVO: FUNÇÕES, INSTRUMENTOS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

Neste capítulo apresentamos algumas considerações sobre o processo da avaliação no ensino e aprendizagem, vistas como um dos maiores desafios na atualidade para os educadores, pois a avaliação é uma forma de verificar se os objetivos foram alcançados no processo pedagógico.

Diante da complexidade, a avaliação deve ser realizada de várias maneiras, sem excluir as percepções e discussões dos envolvidos neste processo, os alunos que participam de forma direta e o fazer docente, devem permear de diversas estratégias em momentos, para que não ocorra à avaliação somente para medir, ou testar a aprendizagem dos alunos, mas sim verificar a forma como eles utilizam seus conhecimentos em suas relações com o meio, e assim também poder auxiliar o docente em seu planejamento das ações e técnicas de ensino.

Partindo desse pressuposto, a avaliação não consiste somente em avaliar o aluno, mas está ligada a todo o contexto escolar na sua totalidade, em decorrência de ser um instrumento permanente do trabalho docente. Assim, avaliar significa desenvolver estratégias para refletir sobre o processo de ensino, traçar objetivos, metas, a fim de detectar os motivos que levaram ao fracasso de alguns alunos por não assimilarem os conteúdos trabalhados em sala de aula. O educador precisa facilitar o processo ensino e aprendizagem, devendo sempre estimular a participação dos alunos aproveitando suas ideias na aula para que a partir da sua interação, seja possível ampliar os saberes e troca de conhecimentos. Como sinaliza Demo(1999, p.01):

[...] Refletir é também avaliar, e avaliar é também planejar, estabelecer objetivos etc. dai os critérios de avaliação, que condicionam seus resultados esteja sempre subordinado a finalidades e objetivos previamente estabelecidos para qualquer praticam, seja ela educativa, social, politica ou outra.

O ato de avaliar demanda de reflexão, planejamento e na busca de atingir objetivos, tendo como propósito o entendimento que o ato avaliativo articula-se ao processo educativo, social e político. Uma avaliação pautada numa perspectiva de transformação terá que resgatar seu papel no contexto escolar, gerando assim mudanças significativas na prática educativa.

Hoffmann (2001) pontua que a avaliação pode ser entendida como um processo de ensino e aprendizagem, que deve ser realizada de forma continua e sistemática na escola, que deve ter como o principal objetivo diagnosticar a situação de aprendizagem que se encontra cada aluno.

Diante dessa análise a autora demonstra a necessidade de:

[...] pensar em cada aprendiz de uma sala de aula, acabando com os anonimatos, valorizando-os como sujeitos de sua própria história, assumindo o compromisso, como educadores, de aperfeiçoar tempos e oportunidades de aprender (HOFFMANN, 2001, p.15).

Nessa perspectiva, percebemos que o processo avaliativo não ocorre de imediato, o olhar do educador deve ser visto como uma valorização da individualidade, os alunos estão em constante construção de sua identidade própria, e assim transformando-os em indivíduos capazes de construir seu próprio conhecimento.

### **3.1 Funções da avaliação**

O professor não deve planejar suas atividades pensando num aluno ideal, mas no contexto real de sala de aula. Para conhecer o aluno faz-se necessário uma avaliação diagnóstica que dirá quem são os indivíduos, qual a sua perspectiva histórica e cognitiva. Atualmente em uma concepção pedagogia mais moderna a educação é entendida como uma troca, onde as vivências dos alunos é introduzida no ambiente escolar, para ser agregando desenvolvimento de cada ser. Com estas técnicas de ensino o educando passa a ser ativo e dinâmico, que participa ativamente na construção do seu próprio conhecimento e ajuda a inculcar valores e transmitir experiências á seus colegas educadores.

A avaliação formativa expressa à atuação do professor em tempo pedagógico determinado para que ele possa repensar a sua prática e emitir um parecer sobre o aluno. Em outras palavras a avaliação formativa avalia a qualidade da totalidade do objeto avaliado em um período pedagógico previsto. Hoffmann (2000) ressalta a importância da avaliação mediadora como forma de encorajar o aluno na produção de um saber qualitativo, cujo ponto de partida é descobrir o que o aluno ainda não sabe, para poder auxiliá-lo nesse processo de aprendizagem contínua. A autora propõe que o professor acompanhe o trabalho do aluno, propiciando oportunidades para que o aluno reflita, questione e conseqüentemente encontre suas próprias respostas.

A autora apresenta que na maioria das escolas, a avaliação ainda tem a função comparativa e classificatória, negando às relações dinâmicas e necessárias na construção do conhecimento. Dessa maneira, a avaliação é algo que está presente no dia-a-dia da sociedade que procura sempre avaliar sua atuação, seu comportamento diante do que desenvolve a fim

de que, com isso saber se seu desempenho foi satisfatório ou precisa melhorar, transformar. Nesse sentido, a avaliação torna-se um fundamento elementar na vida dos seres humanos.

Na escola a avaliação também tem como princípio fundamental obter o nível de aprendizagem dos alunos e, é uma prática já há muito tempo desempenhada, por meio da avaliação de provas e estudos dirigidos, do comportamento e da participação efetiva ou não do aluno.

Na LDBEN (1996) está posto que:

[...] A educação básica tem por finalidades desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores (BRASIL, 1996, p. 14).

Com base nesta Lei, podemos perceber que a avaliação é um recurso que auxilia o professor na sua prática pedagógica, prevalecendo o pleno desenvolvimento do educando, assegurando-lhe uma melhor formação para o exercício pleno da cidadania, visando, contudo à qualidade e não apenas quantidade do processo de avaliação.

Logo, a prática avaliativa no cenário escolar mostra-se como um importante ato pedagógico e metodológico, as quais são estruturadas em:

Uma dimensão pessoal, que tem por finalidade oferecer estímulos ao aluno para que esse possa obter bons resultados diante o ensino-aprendizagem; uma dimensão didática, que compreende o fator diagnóstico da avaliação analisando o melhoramento e verificação os resultados obtidos da avaliação; uma dimensão curricular, inserindo-se nesta a possibilidade de realizar adaptações curriculares face às necessidades dos alunos e, por fim, uma dimensão educativa, que propicia se avaliar como está indo a qualidade da educação (OLIVEIRA, 2003, p.97).

Estas dimensões podem ser utilizadas antes e durante o processo ensino-aprendizagem, tendo diferentes finalidades. Sendo realizada antes do processo, tem como foco sondar se o aluno apresenta os conhecimentos necessários para que a aprendizagem possa ser iniciada. Se ocorrer durante o processo, será utilizada para identificar as causas das falhas de aprendizagem e possibilitar a implementação de recursos para corrigi-las.

Referente às funções da avaliação Gadotti (2001) descreve que esta tem por fim, conduzir tanto o educando como o professor a uma auto compreensão de suas práticas, - aprendizagem e pedagógica -, respectivamente, a fim de se sentirem motivados, uma vez, que esta auto avaliação lhes permitir saber quais direcionamentos que deverão ser adotadas para a

construção dos saberes, bem como o crescimento intelectual e pessoal.

A avaliação não pode ser compreendida como uma maneira de destacar quem é bom e quem é ruim; quem é capaz e quem não é capaz, tendo em vista que as capacidades individuais não podem ser avaliativas por meio de um procedimento metodológico-pedagógico que só tem haver com conteúdos determinados.

Ou seja, a avaliação deve ter como propósitos, promover também a autoestima, aprimorar a aprendizagem do aluno e elucidar as deficiências dos alunos quanto à aprendizagem. A avaliação, de acordo com suas funções pode se apresentar em três perspectivas: a função somativa, a função diagnóstica e a função formativa. Essas três perspectivas são pontuadas por Brasil (2006, p. 61):

Na avaliação diagnóstica pode-se utilizar o pré-teste, o teste diagnóstico, a ficha de observação. A função diagnóstica da avaliação averigua o que está acontecendo no processo de ensino/aprendizagem, detectando o nível geral de saberes dos alunos, as suas dificuldades e os meios necessário para supri-las. Na avaliação formativa ou de processo, as observações, os exercícios, os questionários, as dinâmicas, as pesquisas etc. Na avaliação somativa ou de produto final usa-se, em geral, testes objetivos e subjetivos.

Percebe-se assim, que a avaliação tem uma conotação bastante intensiva com relação ao processo pedagógico, ou seja, a função pedagógica da avaliação visa a princípio o lado pessoal, que caracteriza-se pela estimulação que se deve dar aos alunos; em seguida, um olhar puramente didático, onde buscam-se diagnosticar as deficiências e saná-las.

Na avaliação diagnóstica as suas características compreendem uma apuração, um estudo a respeito dos conhecimentos e das experiências que são próprios do aluno para que assim seja possível conduzi-lo a novos saberes. Sobre essa função diagnóstica da avaliação Haydt, (1997, p. 16) coloca que “[...] ela permite a identificação das progressões e das dificuldades apresentadas pelo aluno, bem como, do educador perante o objetivo de ensino-aprendizagem por ele proposto”. Partindo deste entendimento, a avaliação deixa de ser uma forma de classificar e passa a ter como fim diagnosticar para propiciar a qualidade alcançada.

Ao diagnosticar o professor deve ser capaz de localizar em qual etapa do conhecimento o seu aluno se encontra, pois essa avaliação trata de uma avaliação de cunho qualitativo, que tem como base para um planejamento eficaz focado nas necessidades e nos conhecimentos prévios dos alunos. Acerca disso, Luckesi (2002, p.9) destaca que para “[...] avaliar, o primeiro ato básico é o de diagnosticar, que implica, como seu primeiro passo, coletar dados relevantes, que configuram o estado de aprendizagem do educando ou dos

educandos”.

Nesse sentido, a avaliação diagnóstica é aquela que se destaca no início do ano letivo, antes mesmo do professor planejar suas aulas, verificando nos alunos os seus conhecimentos prévios estabelecendo de maneira geral o que eles sabem e o que não sabem sobre os conteúdos. Corroborando, Haydt (1997, p.16) explana que:

[...] A avaliação diagnóstica é aquela realizada no início de um curso, período letivo ou unidade de ensino, com a intenção de constatar se os alunos apresentam ou não o domínio dos pré-requisitos necessários, isto é, que se possuem conhecimentos e habilidades imprescindíveis para as novas aprendizagens.

Assim, pode-se dizer, que avaliação diagnóstica tem como pressuposto de sua ação, fazer uma averiguação sobre o posicionamento do aluno frente às novas aprendizagens que lhe vão ser propostas e das aprendizagens anteriores adquiridas a fim de que estas sirvam como embasamento para minimizar com as dificuldades futuras e, em certos casos, de resolver situações presentes.

Sendo a avaliação um processo estático e flexível, realizada de diferentes maneiras, deve fazer com que o professor reflita sobre sua metodologia na perspectiva de discorrer de uma avaliação mais dinâmica e flexível e conseqüentemente um novo fazer docente, diante das suas práticas avaliativas. Logo, avaliação pelo fato de ser avaliação, deve sempre buscar ser diagnóstica.

Na avaliação formativa, tanto o professor como o aluno precisam projetar mais dinamicamente a atuação como parte interessada nesta avaliação. Isto é, ela visa o desenvolvimento do processo ensino e aprendizagem, propiciando ao professor e aluno que possam corrigir as possíveis e prováveis falhas, conduzindo assim, estimular a continuação do trabalho para que se alcance o objeto do estudo, que é a verdadeira aprendizagem, os novos saberes, dos quais se integrarão também os saberes adquiridos.

Nessa concepção, a avaliação formativa permite ainda, que o docente possa interagir com os saberes já construídos dos alunos e a partir daí, oferecer informações sobre o desenvolvimento do trabalho a desempenhar, fazendo adequações necessárias a sua metodologia, uso correto de materiais que venham a enriquecer sua prática docente, e desta forma, melhorando entre si, a comunicação com o aluno e a adequabilidade da linguagem no contexto escolar. Haydt (1997, p. 17), assinala que “[...] a avaliação formativa permite constatar se os alunos estão, de fato, atingindo os objetivos pretendidos, verificando a compatibilidade entre tais objetivos e os resultados efetivamente alcançados durante o

desenvolvimento das atividades propostas”.

A avaliação somativa, que tem como função básica a classificação dos alunos, sendo realizada ao final de um curso ou unidade de ensino. Classificando os estudantes de acordo com os níveis de aproveitamento previamente estabelecidos. Atualmente a classificação dos estudantes se processa segundo o rendimento alcançado, tendo por base os objetivos previstos, conduzida pelo professor como sendo um fechamento que engloba todo o processo de avaliação numa perspectiva metodológica, onde são utilizados vários instrumentos que ofertarão os resultados ensejados.

Para Oliveira (2003, p.86), a avaliação somativa:

Tem o propósito de oferecer subsídios para o registro das informações relativas ao desempenho do aluno. Considerando que a função somativa da avaliação visa proporcionar uma medida que poderá ser expressa em uma nota ou conceito sobre o desempenho do aluno, entendemos que a mesma acontecerá ao final de cada unidade de ensino ou ao final de cada bimestre ou ainda no final do ano letivo, por ocasião do Conselho de Classe, visto que esta avaliação é que proporcionará um diálogo mais objetivo entre os professores.

Na compreensão destes autores, é possível descrever que a avaliação somativa é uma junção do processo que envolve a avaliação diagnóstica e a avaliação formativa, é o resultado destas duas funções anteriores. É necessário que os métodos utilizados pelo professor, tais como as provas, os trabalhos de pesquisa e outros instrumentos para avaliar os conhecimentos dos alunos, são instrumentos utilizados na avaliação para colher informações e estabelecer medidas não podendo ser identificados como processo de avaliação.

Percebe-se então que a avaliação escolar é um componente do processo ensino-aprendizagem, cujo propósito é coletar informações em vários momentos e etapas que possibilitem estabelecer uma correspondência entre os dados obtidos e os objetivos propostos, a fim de que o professor possa avaliar o desenvolvimento do aluno em relação ao trabalho executado, orientando-o para uma tomada de decisões em relação às atividades seguintes.

Logo, para assumir um caráter transformador a avaliação deve estar comprometida como a promoção e o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos e não somente como mero instrumento de constatação e classificação de resultados.

### **3.2 Instrumentos e procedimentos avaliativos**

A avaliação é parte integrante do processo ensino e aprendizagem, sendo uma

ferramenta importante de ação do educador em sala de aula. E quando falamos em avaliação é comum sua associação com os instrumentos e técnicas de ensino avaliativas que são usados nesse processo pelos professores, como a prova, o exame, os testes, trabalhos entre outros, inclusive da avaliação cotidiana do desempenho do aluno no ambiente escolar.

Nesse sentido, a avaliação é o processo de coleta e análise de dados. Os recursos que são usados para isso chamam-se instrumentos de avaliação. Para a realização de uma avaliação integral, existe uma grande variedade de instrumentos avaliativos, sendo que devem ser selecionados visando os objetivos propostos.

É preciso que o professor repense a forma de intencionalidade com que se aplicam as provas, a avaliação tem um papel importante dentro do ambiente escolar, esse cuidado deve existir na forma de avaliar, onde o professor acaba fazendo um julgamento particular de cada aluno, esquecendo-se de avaliar o processo pedagógico como um todo. É necessário e de grande importância se preocupar com seus alunos como pessoas históricas e culturais, buscando desenvolver uma prática no sentido de promover e não excluir.

Hoffmann (2001, p. 121) diz que, os melhores instrumentos de avaliação “[...] são todas as tarefas e registros feitos pelo professor que o auxiliam a resgatar uma memória significativa do processo, permitindo uma análise abrangente do desenvolvimento do aluno”. Desse modo, o professor, como organizador da aprendizagem e dos métodos e procedimentos avaliativos, precisa ter clareza da importância desse conjunto das práticas pedagógicas que são aplicadas ao processo de ensino.

Ainda Hoffmann (2000, p.22) afirma que:

[...] A verdade é que tal sistema classificatório é tremendamente vago no sentido de apontar as falhas do processo. Não aponta as reais dificuldades dos alunos e dos professores. Não sugere qualquer encaminhamento, porque discrimina e seleciona antes de tudo. Apenas reforça a manutenção de uma escola para poucos.

A prática avaliativa classificatória busca medir o conhecimento para classificar os estudantes, apresenta-se como uma dinâmica que isola sujeitos. Logo, avaliar, não deve se resumir apenas a um conceito formal nem atribuição de notas, mas um instrumento que possibilite ao aluno perceber o seu crescimento enquanto pessoa, por meio de uma avaliação crítica de si mesmo.

Desse modo contrapondo ao modelo classificatório Luckesi (2002, p. 198) expõe:

[...] O ato de avaliar, por ser diagnóstico, é construtivo, mediador, dialético, visto que, levando em consideração as complexas relações presentes na realidade avaliada e dela constituintes, tem por objetivo subsidiar a obtenção de resultados os mais satisfatórios possíveis, o que implica que a avaliação, por ser avaliação, está a serviço do movimento de construção resultados satisfatória, bem-sucedida, diferente dos exames que estão a serviço da classificação.

Nesta perspectiva, é necessário compreender que os instrumentos avaliativos são valiosos para indicar as dificuldades de aprendizagem, e permite de forma sistemática o acompanhamento diário do aluno.

Logo, é muito importante a priori refletir sobre as práticas avaliativas e conhecer os caminhos para diagnosticar o processo de aprendizagem. E que, os professores conheçam e utilizem os diversos instrumentos de avaliação. Consta-se que, apesar de participarem de cursos e de capacitações sobre essa temática, nos dias atuais, os professores utilizam a prova como forma oficial de avaliação da aprendizagem dos alunos.

Os instrumentos de avaliação devem ser construídos para auxiliar a aprendizagem dos educandos e não como forma de “castigo” para provarem se aprenderam ou não determinados conteúdos. Assim, é necessária a elaboração de instrumentos de avaliação confiáveis para um acompanhamento também confiável.

Tal instrumento, a prova, acima citado, tem como finalidade apenas detectar se foi possível assimilar os conteúdos do livro didático. A prova só reforça a competição entre os alunos, gerando a exclusão daqueles que não conseguiram aprender ao mesmo tempo em que os outros conseguiram. Além de não estimular o saber pensar e nem tão pouco, a autonomia e a emancipação dos alunos.

Além das provas escritas, existem outras formas de avaliação como os trabalhos, que podem ser individuais ou em grupo, realizados em sala de aula ou em casa, porém em sala pode-se considerar um meio mais significativo fazer o acompanhamento, orientação e mediação do professor, além desses trabalhos que são mediados pelo professor irão possibilitar que os mesmos tenham uma visão das dificuldades que são apresentadas pelos alunos.

De acordo com o pensamento de Demo (2004, p.14), “[...] a aprendizagem é, dinâmica reconstrutiva, de dentro para fora. Quer dizer que o aluno somente aprende se reconstruir conhecimento. Não pode permanecer em escutar, copiar e devolver de modo reprodutivo na prova [...]”. Neste sentido, podemos concluir que o critério de avaliação adotado pelo educador precisa ter o caráter de diagnosticar o rendimento escolar, identificando quais os

alunos precisam de mais apoio, fazendo com que sejam sujeitos participativos do conhecimento e não fazer juízos de valores sobre os alunos.

### **3.3 As práticas avaliativas vivenciadas no contexto da sala de aula**

Nas últimas décadas, a atenção dos teóricos e educadores, voltou-se para a dimensão social e política da avaliação por representar muitas vezes práticas diferentes. Os processos avaliativos tendem a adequar-se aos novos rumos que a avaliação está tomando nos tempos atuais, com práticas sendo repensadas pelos professores no contexto da sala de aula.

Nota-se assim que, avaliar a aprendizagem não é uma tarefa fácil, pelo contrário, se configura como uma atividade complexa que requer do docente competência pedagógica, apesar de percebermos que a avaliação da aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental tem ocorrido de forma mecânica e burocrática, onde o professor elabora provas e testes que são aplicados no final do bimestre, com o único intuito, gerar notas.

A preocupação constante dos professores em relação à avaliação acontece, de acordo com Haydt (1997, p. 07), “[...] porque faz parte do trabalho docente verificar e julgar o rendimento dos alunos, avaliando os resultados do ensino”. Em muitas circunstâncias, os professores se vêem tendo que seguir normas relativas à avaliação da aprendizagem, o que contribui para que estes não desenvolvam práticas mediadoras, o que fica notório um despreparo para esta atividade tão importante, mas que está sendo aplicada de qualquer forma prejudicando assim, os alunos.

Hoffmann (1998, p.70) assegura que:

[...] Muitos professores revelam a sua impossibilidade de desenvolver processos avaliativos mediadores, porque estão cercados por normas classificatórias exigidas pelas escolas. Mas também se percebe a sua dificuldade em alterar sua prática por falta de subsídios teóricos e metodológicos que lhe dêem segurança para agir de outra forma.

Quando a escola pratica a avaliação nem sempre se dá conta de como esta vem ocorrendo e principalmente sobre o seu efeito nas crianças que a frequentam. Com base na LDBEN (1996), o processo avaliativo deve ser contínuo e os critérios qualitativos devem prevalecer sobre os quantitativos, o que muitas vezes, isso não acontece, pois as notas ainda estão fortemente prevalecendo.

Diante disso percebe-se que, grande parte dos professores utilizam as provas como um fator negativo de motivação, já que por meio delas o professor ameaça e pune os alunos,

condicionando-os á estudarem por medo e não por prazer. Esquecendo que o processo de avaliação vai muito além das provas que eles estão habituados a aplicar, a avaliação deve envolver o processo educativo, na construção do saber, dia após dia. Para os alunos, avaliar é simplesmente fazer prova tirar nota e passar de ano. Já para os professores, é visto na maioria das vezes, como uma questão burocrática.

A avaliação não pode ser instrumento de castigo para os alunos, deve fazer parte da rotina de sala de aula, deve ser planejada pelos professores como um dos aspectos integrantes do processo ensino e aprendizagem. Na visão de Luckesi (2002, p. 07), “[...] a avaliação da aprendizagem não é e não pode continuar sendo a tirana da prática educativa, que ameaça e submete a todos [...]”. A avaliação vai muito, além disso. Ela está dentro do processo ensino-aprendizagem, professores e alunos têm que trabalharem juntos.

É bastante comum ainda hoje, a preocupação dos professores em dar boas aulas, e não se preocupam com o resultado da aprendizagem, ou se os alunos estão aprendendo ou não. E por conta dessa forma de pensar, praticam avaliações extremamente tradicionais. Em muitos casos, a avaliação é utilizada como uma arma pelo professor, para impor aos alunos disciplina e acreditam que por meio do medo, farão com que os alunos aprendam esta prática só demonstra o despreparo do professor para ministrar suas aulas, pois, aulas bem planejadas, que utilizam de diversas metodologias, são capazes de atrair a atenção dos alunos e evitar a indisciplina. Neste caso, a avaliação torna-se um instrumento de ameaça e de castigo para o educando uma vez, que deveria ajudar no seu processo ensino-aprendizagem.

Portanto, é preciso repensar a prática avaliativa, a avaliação deve nortear a prática docente, estando a serviço de uma educação de qualidade e da democratização do ensino. Melhorar nossas instituições escolares, para reduzir índices de reprovação e ainda assim para humanizar a educação, pois devemos fazer reflexão e avaliação para perceber o quanto mal fazemos a algumas crianças quando utilizamos de uma avaliação classificatória e excludente.

## 4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste trabalho monográfico optou-se pelo encaminhamento da pesquisa de natureza qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, que é caracterizada por descrever, analisar, compreender e contribuir com outros estudos.

Justifica-se a escolha pela abordagem qualitativa tendo em vista, que possibilitará um tratamento mais detalhado dos dados, na tentativa de interpretá-los na sua totalidade.

Esta pesquisa buscou proporcionar uma familiaridade com o objeto de estudo, com objetivo de aprofundar o tema. Inicialmente foi realizado um levantamento bibliográfico. A pesquisa exploratória consiste, em uma primeira etapa mais elaborada, mediante procedimentos mais sistematizados. Para fundamentar essa análise Gonsalves (2001, p.65) afirma que:

[...] A pesquisa exploratória é aquela que caracteriza pelo desenvolvimento e esclarecimento de ideias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado. Esse tipo de pesquisa também é denominado “pesquisa de base”, pois oferece dados elementares que dão suporte para a realização de estudos mais aprofundados sobre o tema.

O estudo buscou compreender e interpretar os dados coletados a partir das falas dos professores sobre suas praticas em sala de aula, levando em consideração as concepções a respeito do tema abordado. De acordo com Gonsalves (2001, p.68):

[...] a pesquisa qualitativa preocupou-se com a compreensão, com a interpretação do fenômeno, considerando o significado que os outros dão as suas práticas, o que impõe ao pesquisador uma abordagem hermenêutica. Esse tipo de abordagem terá com fundamental relevância o objeto de estudo detalhado minuciosamente com suas principais características englobando na construção de modo generalizado e exploratório para a compreensão do pesquisador.

De modo geral, a pesquisa constitui-se um elemento fundamental no campo educacional, pois possibilita a construção de novos conhecimentos, a reflexão análise acerca de fatos e comportamentos, oportunizando assim, uma maior compreensão da realidade.

Para alcançar o objetivo desse estudo utilizou-se de procedimentos metodológicos para a efetivação deste. Esta é uma pesquisa pautada na abordagem descritiva que viabiliza:

[...] a pesquisa qualitativa por trabalhar com dados descritivos, obtidos no contato direto daquele que pesquisa e a situação pesquisada, da ênfase maior

ao processo, ou seja, o produto se torna reflexo e/ou retrato daquela perspectiva da realidade estudada (ANDRE E LUDKE, 1986, p.45).

No segundo momento foi realizada uma pesquisa de campo, através de uma entrevista semiestruturada com 5 (cinco) professores, objetivando coletar dados para uma análise mais minuciosa e crítica em relação ao problema deste estudo.

A pesquisa de campo e a abordagem qualitativa possibilitam coletar dados e analisar as opiniões dos professores entrevistados. Neste estudo utilizou-se também da abordagem quantitativa que na visão de Oliveira (2008, p.61), este tipo de abordagem significa “quantificar dados obtidos por meio de informações coletadas através de questionários, entrevistas, observações [...]”, conforme registros nas tabelas e análise dos dados.

#### **4.1 Lócus e Sujeitos da Pesquisa**

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede municipal de ensino, localizada na cidade de Cajazeiras, Paraíba, Brasil. A escola funciona em dois turnos: matutino e vespertino. No período em que foi desenvolvida a pesquisa, a escola atendia uma clientela de 318 (trezentos e vinte e oito) alunos distribuídos desde a Educação Infantil ao Ensino Fundamentais, anos iniciais e finais e uma sala de Atendimento Educacional Especializado (AEE).

A entrevista foi realizada com 5 (cinco) professoras e para resguardar suas identidades foram denominadas de: P1, P2, P3, P4 e P5. A professora P1, tem 30 anos, formação Logos e Licenciatura em Pedagogia. A professora P2, tem 24 anos, cursando Pedagogia e graduada em Letras - Língua Portuguesa, tem dez anos de magistério e atua na escola há oito anos. A professora P3, tem 46 anos, graduada em Pedagogia e especialização em Gestão, e atua no magistério há dez anos. A professora P4, tem 34 anos, graduada em Pedagogia e especialização em Psicopedagogia, e atua na escola há nove anos, tendo quinze anos de atuação no magistério e a professora P5 tem 55 anos, com formação em Pedagogia e Planejamento Educacional e Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares leciona há vinte e cinco anos com atuação e quinze anos na respectiva instituição de ensino.

A instituição disponibiliza de uma completa estrutura física composta por 1 (uma) sala de recepção; 1 (uma) secretaria, onde são realizados todos os trabalhos administrativos e pedagógicos; 10 ( dez ) salas de aula amplas e arejadas; 1 (uma) sala ampla que funciona como biblioteca; 1 (uma) sala com os recursos de multimídias como televisão, DVD e micro

system, além de 1 (um) laboratório de informática, 1 (uma) sala de vídeo, 1 (uma) sala de leitura, 1 (um) refeitório, 1 (uma) cozinha, 2 (dois) banheiros, sendo 1 (um) masculino e 1 (um) feminino para os alunos. Conta também com 1 (um) pátio, 1 (uma) pequena quadra que é utilizada para recreação; 2 (duas) dispensas: 1 (uma) para produtos de limpeza e higiene e outra para os gêneros alimentícios; e 2 (dois) banheiros para os funcionários.

Quanto aos serviços assistenciais a instituição possui Sala AEE, projetos interdisciplinares como: Leituras e mais Leituras, Calendário Socioeducativo e Canteiro Escolar, Iniciação Musical de violão e flauta para os alunos do 6º ao 9º ano, consta ainda de um acompanhamento pedagógico individual e excursões pedagógicas, isto é, estudos de campo.

Quanto aos recursos humanos atuantes na instituição, o quadro expõe a organização.

**Quadro 1** – Perfil Pedagógico e Técnico dos profissionais da Escola

<b>Cargo/Função</b>	<b>Quant.</b>	<b>Ensino Fund.</b>	<b>Ensino Médio</b>	<b>Ensino Superior</b>	<b>Especialização</b>
Diretora	01	-	-	01	Mestre
Vice-Diretor	01	-	-	01	-
Agente administrativo	01	-	-	01	-
Coordenador	02	-	-	01	02
Monitores	02	-	-	02	-
Professor do 1º ao 5º ano	05	-	-	03	02
Professor do 6º ao 9º ano	09	-	-	06	03
Professor de sala de AEE	01	-	-	01	01
Cozinheira	02	01	01	-	-
Auxiliares de limpeza	03	02	-	01	-
Guarda noturno	01	-	01	-	-

**Fonte:** Elaboração da autora (2017).

O planejamento é realizado pelo corpo docente de forma coletiva a cada quinze dias e este é acompanhado pela coordenadora pedagógica da escola todos os dias, já que a mesma trabalha diariamente na instituição. Como a escola fica localizada em um bairro periférico da cidade onde se apresentam altos índices de violência, há uma parceria da escola com o Batalhão de Polícia Militar para o desenvolvimento de um projeto chamado Programa Educacional de Resistência às Drogas (PROERD), que visa à conscientização e combate ao uso de drogas.

A classe socioeconômica na qual estão inseridas as famílias dos alunos atendidos na Instituição varia entre a classe de baixa renda e uma classe mais favorecida economicamente, uma vez que alguns desses alunos vêm de famílias de agricultores, aposentados, pequenos

comerciantes do município e funcionários públicos. Outro fator associado à vida sociocultural dos alunos se refere ao fator da baixa escolaridade das famílias, o que dificulta o acompanhamento da vida escolar dos alunos. Percebe-se que há alunos que, por questões financeiras acabam deixando a escola para buscarem trabalho, o que de certa forma, agrava o problema da evasão escolar nessa instituição.

De acordo com o que foi observado na escola, nota-se que é considerada bem conceituada no bairro, os profissionais são envolvidos e trabalham com o mesmo objetivo. Há um ambiente de afetividade e respeito entre todos os funcionários, que proporcionam aos alunos o acolhimento e segurança ao se sentirem amadas e respeitadas. Percebe-se que sua missão é proporcionar um ensino de qualidade, unindo todos os elementos necessários, que possam educar e edificar as crianças, para que a mesmas tenham o que for necessário no processo de ensino-aprendizagem, promovendo assim, os cuidados necessários à preservação da vida e contribuindo efetivamente para a construção de um futuro cidadão.

Por meio da pesquisa, buscou-se refletir sobre as concepções, os instrumentos e práticas avaliativas dos professores vivenciadas no contexto de sala de aula, considerando que nos dias atuais os educadores enfrentam muitas dificuldades no trabalho docente.

#### **4.2 Instrumentos de coleta de dados**

Para a realização deste estudo foi utilizado como instrumento de coleta de dados, uma entrevista semiestruturada, permitindo coletar informações para o aprofundamento dos objetivos propostos. O processo de coleta de dados envolve a escolha das técnicas e instrumentos de pesquisa. Segundo Minayo afirma que:

Deve – se definir as técnicas a serem utilizadas tanto para a pesquisa de campo (entrevistas, observações, formulários, historia de vida) como para a pesquisa suplementar de dados, caso seja utilizada pesquisa documental, consulta a anuários, censos. Geralmente se requisita que seja anexado ao projeto o roteiro dos instrumentos utilizados em campo (MINAYO, 2004,p.43).

Antes de iniciar a entrevista os professores foram informados sobre os propósitos da pesquisa, com espaço para o esclarecimento das dúvidas e manifestações sobre a participação. A entrevista foi composta por questões fechadas para caracterizar o perfil dos professores e outras nove questões abertas relacionadas ao tema em estudo.

Os dados coletados foram analisados a partir das falas das docentes e os autores que fundamentaram esta pesquisa, de modo que a entrevista se configura como uma técnica que possibilita obter maiores informações por ser flexível. Nas entrevistas, os professores responderam as questões sobre a forma de avaliação que aplicam na instituição de ensino nas quais trabalham. As questões da entrevista estão dispostas no apêndice B. A análise dos dados obtidos foi consolidada por meio da Análise de Conteúdo (AC), segundo a definição de Bardin (1997, p.42) que a considera como sendo:

[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdos das mensagens, indicadores (quantitativa ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens.

Como pode ser percebida, a análise de conteúdo constitui de uma metodologia de pesquisa usada para descrever e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos e textos, permitindo ao entrevistador colher maiores detalhes sobre o objeto de pesquisa analisado, como as falas das professoras entrevistadas que revelaram questões importantes sobre o objeto de estudo, de modo que possibilitou coletar maiores informações por ser um método flexível, mas sob a utilização de um plano guiado.

## 5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo discute-se os dados coletados junto as professoras na realidade investigada, por meio da entrevista semiestruturada, apresentando assim, as concepções, os instrumentos e práticas educativas de avaliação presente nos relatos dos participantes, neste estudo, as docentes. A natureza do trabalho docente requer um continuado processo de formação dos sujeitos sociais historicamente envolvidos com a ação pedagógica, sendo indispensável o desenvolvimento de atitudes investigativas de alternativas pedagógicas e metodológicas na busca de uma qualidade social da educação.

Neste contexto, esta pesquisa objetivou analisar as concepções, práticas avaliativas e instrumentos vivenciados no processo de ensino e aprendizagem pelas docentes. Na entrevista, para um melhor entendimento, traçamos um perfil das entrevistadas, conforme exposto no quadro 2.

**Quadro 2** – Caracterização do perfil das professoras entrevistadas

Sujeito	Sexo	Idade	Formação Acadêmica	Tempo de atuação	Ano que leciona	C.H	Tempo de atuação na escola
P1	F	30 anos	Logos e Licenciatura em Pedagogia	8 anos	1º ano	20hs	5 anos
P2	F	24 anos	Pedagogia e Letras Língua Portuguesa	8 anos	2º ano	20hs	8 anos
P3	F	46 anos	Pedagogia e Especialização em Gestão	15 anos	3º ano	<b>20hs</b>	9 anos
P4	F	34 anos	Pedagogia e especialização em Psicopedagogia	16 anos	4º ano	20hs	10 anos
P5	F	55 anos	Pedagogia e Planejamento Educacional e Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares	25 anos	5º ano	20hs	15 anos

**Fonte:** Elaboração da autora (2017).

Diante da análise do quadro de perfil das entrevistadas constata-se que todos os sujeitos pesquisados são do sexo feminino e possuem idade variando entre 30 a 55 anos de idade, formadas em Pedagogia e com especialização em diferentes áreas. Logo, a entrevistada – P1 –; Logos e Licenciatura em Pedagogia – P2 – Pedagogia e Letras – P3 Pedagogia e em Gestão – P4 - Pedagogia e Psicopedagogia e P5 - Planejamento Educacional e Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares. Todas possuem uma carga horária totalizando 20hs por semana lecionando nos anos iniciais.

Com vistas a discorrer sobre como as professoras compreendem a avaliação da

aprendizagem e como a realizam, foram feitas as análises das entrevistas realizadas. Os dados coletados nas entrevistas foram agrupados em dez categorias para análise, assim definidas: 1- concepções sobre avaliação; 2- Objetivos propostos ao plano de ensino; 3 – Objetivo e função central da avaliação; 4 – utilização da avaliação em sala de aula; 5 – instrumentos avaliativos usados para avaliar os alunos; 6 – principais dificuldades no ato de avaliar; 7 – momento de avaliar cada aluno; 8 – entendimento sobre o processo de avaliação; 9 – aspectos importantes no ato de avaliar; 10 – tipo de avaliação utilizada em sala de aula o processo avaliativo no ensino e aprendizagem. Tal afirmação se respalda em suas respostas.

Para uma melhor demonstração dos dados analisados dividimos este capítulo em nove subseções, correspondendo às categorias exploradas.

### 5.1 Concepções sobre avaliação

As concepções das professoras dão ênfase a importância do avaliar no processo de ensino e aprendizagem, onde apresentam as seguintes respostas:

É um processo que visa verificar aquisição de competências e habilidades em determinada área do conhecimento e tem sempre em vista o processo de melhoria contínua. (P1, 2017)

Avaliar é utilizar instrumentos pedagógicos que nos auxiliem a verificar se os alunos internalizaram os conteúdos ministrados durante as aulas.(P2)

Avaliar significa assimilação de conhecimentos do aluno aplicado pelo professor por meio de procedimentos metodológico, adquirindo competências e habilidades que são alcançadas, resultando a aprendizagem de conteúdos. (P3)

Avaliar na minha concepção é um instrumento de compreensão dos alunos em relação aos conceitos estudados, as competências e as habilidades desenvolvidas.(P4)

Avaliar representa no processo ensino e aprendizagem uma ação e reflexão, baseadas no seu planejamento e nos seus objetivos propostos. Assim sendo, avaliar é uma tomada de decisão no fazer e refazer pedagógico do cotidiano em sala de aula. (P5)

Observa-se, dessa forma que as professoras têm conceitos semelhantes, entendem e conceituam de forma clara sua concepção do que seja avaliar, isso é perceptível quando a maioria expõe como sendo um instrumento pedagógico dos procedimentos metodológicos e da aquisição, que leva em consideração os conhecimentos dos alunos, suas habilidades e competências para serem alcançados os resultados.

Diante desse entendimento, Esteban (2004, p.14) coloca que:

Avaliar, como tarefa docente, mobiliza corações e mentes, afeto e razão, desejos e possibilidades. É uma tarefa que dar identidade à professora,

normatiza sua ação, define etapas e procedimentos escolares, media relações, determina continuidade e rupturas, orienta a prática pedagógica.

Com base nessa compreensão, entende-se que o processo avaliativo é justamente um processo de acompanhamento diário do seu aluno, ou seja, um processo contínuo que ajuda o educando a construir seus saberes, desenvolver suas competências e constituir novas habilidades. Nesta ótica, o educador precisa ter um olhar diferenciado com seus alunos, visto que cada um tem suas particularidades como já mencionamos.

Segundo a visão de Hoffmann (2009, p.53) “[...] no processo de avaliação continua, deve-se pensar nas potencialidades cognitivas dos educandos, propondo-lhes novos desafios e mais exigentes no sentido de envolvê-los em novas situações, de modo a provoca-los [...]”. Diante disso, a avaliação é considerada um elemento de fundamental importância no desenvolvimento da aprendizagem do educando e o educador precisa conhecer sua trajetória de vida, o contexto no qual os mesmos estão inseridos, identificando assim, suas especificidades, a fim de promover o desenvolvimento pleno de suas capacidades.

A segunda questão tratada pelas professoras aborda **se a avaliação adotada nas disciplinas é coerente aos objetivos propostos no plano de ensino**, no qual algumas relatam sem justificar que:

Sim (P1, 2017).

Sim. Para a realização de uma avaliação satisfatória é necessário que a façamos com base nos objetivos que traçamos no plano de ensino, pois esses objetivos são as nossas metas de aprendizagem para os alunos. (P2, 2017).

Nem sempre, devido algumas mudanças ocorridas pelas circunstâncias em que ocorre a flexibilidade do plano de ensino, nem sempre alcançamos nossos objetivos que são propostos no início do ano letivo, mas que no final do procedimento aos resultados são satisfatórios para ambos (aluno x professor). (P3, 2017).

Sim, pois é um instrumento de análise daquilo que o aluno compreendeu e assimilou do conteúdo trabalhado. (P4, 2017).

Sim (P5, 2017).

Percebe-se, a partir das respostas das professoras, que a maioria considera que os objetivos são coerentes a sua forma de avaliação, porém a professora P3 diverge dessa resposta, ou seja, considera que nem sempre os objetivos são coerentes ao processo avaliativo por considerar as diversas mudanças que ocorrem, o que faz o plano de ensino ser flexível, apto a mudanças diárias de acordo com as necessidades que surgem, por isso, por mais bem

fundamentado que seja o planejamento escolar, o professor precisa ter consciência de que alguns imprevistos podem surgir ao longo do ano letivo, o que não devem ser ignorados. É importante que haja uma avaliação constante do processo de ensino, com o educador sempre alerta para diagnosticar os obstáculos encontrados e avaliar o ritmo de avanço das atividades sobre os temas programados.

Podemos constatar que a tarefa do professor nem sempre é fácil, sua prática deve ser flexível, levando em consideração alguns aspectos que muitas vezes precisam ser revistos e ajustados, por isso, concordamos com os Parâmetros Curriculares Nacionais, no seu capítulo introdutório, no que se refere ao ato avaliativo:

[...] A avaliação subsidia o professor com elementos para uma reflexão contínua sobre sua prática, sobre a criação de novos instrumentos de trabalho e sobre a retomada de aspectos que devem ser revistos, ajustados ou reconhecidos como adequados para o processo de aprendizagem individual ou de todo o grupo. Para o aluno, é o instrumento de tomada de consciência de suas conquistas, dificuldades e possibilidades para reorganização de seu investimento na tarefa de aprender (BRASIL, 1997, p.59).

Neste sentido, podemos perceber que os PCN (1997) ressaltam a importância de se fazer uma avaliação investigativa inicial, onde refletir sobre as concepções dos professores sobre avaliação da aprendizagem, bem como os instrumentos de trabalho, é fundamental para conhecermos a prática de sala de aula.

Quando avaliamos o nosso aluno, logo vem em mente como é o perfil do professor no ato de suas práticas avaliativas, pois mesmo diante dos mais variados discursos do avaliar para promover o aluno, atualmente acontecem o contrário. A avaliação se torna uma alternativa que segundo Hoffmann (2009, p. 77) envolve:

[...] O compromisso do avaliador passa a ser o de mobiliza-lo a buscar sempre novos conhecimentos, o de ajustar experiências educativas as necessidades e interesses percebidos ao longo do processo, e de provoca-lo a refletir sobre as ideias em construção para que seja cada vez mais autônomo em suas buscas.

O ponto chave da educação deve ser o aluno aprender a aprender, saber pensar, ser crítico e analítico. E é dentro dessa perspectiva que a avaliação deve trabalhar. Uma proposta de avaliação que se contrapõe na escola que conhecemos, busca a construção que reflete a própria cultura do povo brasileiro, que acredita no conhecimento como produção social e que valoriza a vivência cotidiana dos alunos e professores, a fim de refletir sobre tais ideias.

5.3 Qual o objetivo e a função central da avaliação na aprendizagem dos alunos. As

questões registradas a seguir, observa-se que a maioria dos professores ainda compreende o processo de avaliação como função classificatória como constatou-se:

A função de classificar os alunos entre bons e bem trabalhados no aprendizado, os que dão trabalho, e os que não consegue alcançar os objetivos propostos no decorrer do bimestre. (P1, 2017).

É verificar se os alunos estão de fato assimilando os conteúdos didáticos, e se estão se desenvolvendo também no aspecto social e relacional (P2, 2017).

A função da avaliação é obter resultados (notas) positivos com relação à aprendizagem do aluno abordada em escrita e avaliada resultante uma nota (P3, 2017).

A função da avaliação é permitir acompanhar o processo de aprendizagem, observar aspectos que podem ser utilizados na orientação e na busca de estratégias que visem ao pleno desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem. (P4, 2017).

O objetivo da avaliação, podemos dizer que seja diagnosticar o que a criança já sabe, ou já aprendeu até ali. E a função é ter uma visão diagnóstica do processo de ensino. Serve para o professor fazer ou refazer o seu plano de ensino revendo os objetivos, a metodologia, etc. Porque avaliação tendo uma função diagnóstica em sala de aula não será avaliado apenas o aluno, mas, sim todo o processo de ensino (P5, 2017).

Esta prática de avaliação citada por algumas professoras, como a P1, P2 e P3 se explícita por uma relação de autoridade e classificatória, desta forma a avaliação da aprendizagem torna-se um instrumento de controle, retirando dos alunos a espontaneidade, a criatividade e a criticidade, gerando insegurança e medo, o aluno passa a ser conduzido a estudar em função da nota e não pela obtenção do saber, a aprendizagem deixa de ser algo prazeroso e passa a ser um processo desmotivador, contribuindo assim, para o fracasso escolar. Daí, a necessidade e responsabilidade do professor aperfeiçoar suas técnicas de avaliação.

Enquanto as professoras P4 e P5 demonstram um entendimento bem mais amplo e conceitual para esse processo, onde visam diagnosticar o processo de aprendizagem, acompanhando e buscando estratégias que visem o desenvolvimento dos alunos, levando em consideração a avaliação como um todo até mesmo da sua prática pedagógica, pois avaliando o aluno o professor também estará se auto avaliando, o que caracteriza-se numa avaliação mediadora. Para Hoffmann (2000, p. 86) é responsabilidade do educador trabalhar a individualidade do seu aluno, respeitando suas diferenças com o intuito de formar jovens autônomos, críticos e cooperativos.

Dentre as mais diversas funções que a avaliação pode assumir, uma delas é a de diagnosticar o nível de conhecimento que o aluno já possui. Luckesi (2002) entende que a avaliação com a função classificatória, constitui-se num instrumento estático do processo de

crescimento. Portanto, a avaliação não serve como uma reflexão diante da sua prática, mas sim como um meio de julgar a prática e torna-la classificatória.

Nessa direção, Vasconcellos (1998, p.37) assinala que:

[...] A prática da avaliação escolar chega a um grau assustador de pressão sobre os alunos, levando a distúrbios físicos e emocionais: mal-estar, dor de cabeça, medo, angústia, insônia, ansiedade, decepção, introjeção de autoimagem negativa. Uma escola que precisa recorrer à pressão da nota logo nas series iniciais, em certamente, uma triste escola e não esta educando é uma escola fracassada.

A avaliação na referida perspectiva, acaba desempenhando na prática um péssimo papel, que é o de classificar, deixando de lado a sua essência que é “[...] subsidiar soluções tendo por base um diagnóstico, a fim de chegar de modo satisfatório aos resultados desejados” (Luckesi, 2002, p.185). Nesta perspectiva, o educador percebe que os alunos não obtiveram sucesso em alguma atividade, é imprescindível que ele busque entender o que não funcionou e onde está a falha. Sendo assim, avaliar o aluno requer muito mais, requer que o educador contribua como mediador do processo ensino e aprendizagem, incentivando e integrando o seu aluno no processo avaliativo, como também reveja sua prática e o porquê de não estar conseguindo que o seu aluno aprenda.

Nesse entendimento, a avaliação pode ser vista como um sistema de informações continua ao aluno e ao professor, pois permite a ambos a correção de erros e incentiva o desenvolvimento do grupo, contribuindo assim para o êxito e dando-lhes condições de construir seus próprios conhecimentos. Para tanto, a prática avaliativa do professor deve contemplar o acompanhamento e orientação do processo de ensino e aprendizagem.

5.4 Qual é contribuição da avaliação no contexto da sala de aula. Nessa questão aborda-se os aspectos relevantes para se obter um resultado satisfatório no processo avaliativo. Todas as professoras citaram alguns desses aspectos como demonstram nas falas citadas abaixo:

Para avaliar o conhecimento do aluno; Para diagnosticar as dificuldades dos alunos; Para verificar a aprendizagem; Para avaliar a metodologia (P1, 2017).

Para atribuir notas; Para avaliar o conhecimento do aluno; Para diagnosticar as dificuldades dos alunos; Para verificar a aprendizagem; Para cumprir as normas da escola (P2, 2017).

Para atribuir notas; Para avaliar o conhecimento do aluno; Para diagnosticar as dificuldades dos alunos; Para verificar a aprendizagem (P3, 2017).

Para atribuir notas; Para avaliar o conhecimento do aluno; Para diagnosticar as dificuldades dos alunos; Para verificar a aprendizagem (P4, 2017).

Para avaliar o conhecimento do aluno; Para diagnosticar as dificuldades dos alunos; Para verificar a aprendizagem (P5, 2017).

Dessa forma, entende-se que a maioria das professoras entrevistadas, utiliza-se da atribuição de notas como técnicas e instrumentos para avaliar os seus alunos, além de estar claro na descrição das falas a presença dos mesmos para diagnosticar as dificuldades dos alunos, considerando assim métodos que melhor avaliam a aprendizagem dos alunos.

A visão expressa nas falas das docentes é corroborada por Haydt (1994, p.63), quando destaca que na avaliação:

[...] Devem ser usadas diversas técnicas e instrumentos de avaliação. Atualmente, a avaliação assume a função de diagnosticar, bem como de verificar a consecução dos objetivos previstos para o ensino aprendizagem. Para que a avaliação possa desempenhar estas funções é necessário o uso, combinado, de várias técnicas e instrumentos. Quanto mais dados o professor puder colher na avaliação, utilizando instrumentos variados e adequados aos objetivos propostos, tanto mais informação terá a seu dispor para re-planejar o seu trabalho e orientar a aprendizagem dos alunos.

Nessa compreensão, quando falamos em avaliação da aprendizagem do aluno temos que nos atentar, para a avaliação do trabalho do professor, pois estão interligadas. A avaliação deve ser um processo contínuo e sistemático, podendo ser utilizada como um recurso para a orientação do trabalho do professor em sala de aula, pois indica como o aluno está progredindo em sua trajetória de aprendizagem, quais suas dificuldades, seus avanços e estas impressões também colaboram para nortear a prática educativa, pois com seus registros e observações é possível replanejar seu trabalho se necessário.

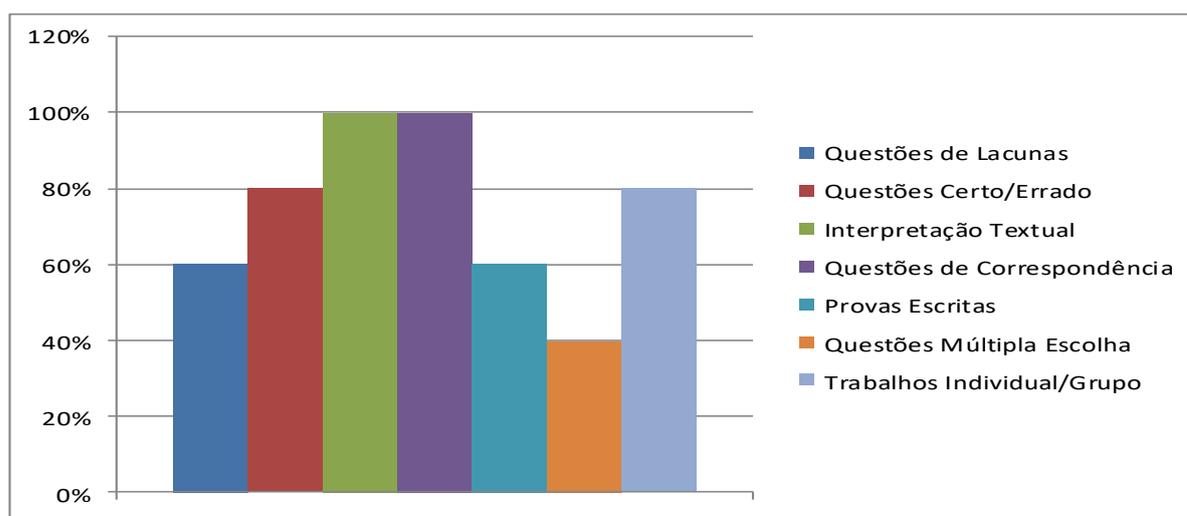
Logo, a função da avaliação é ajudar o aluno a aprender e o professor a ensinar num âmbito que possibilite que o aluno se desenvolva através da aquisição de conhecimentos sólidos, e não apenas regras decoradas. Para isso, é necessário o uso de instrumentos e procedimentos de avaliação adequados.

5.5 Indagados sobre o uso frequente dos instrumentos avaliativos, se favoreciam a construção do conhecimento e aprendizagem dos alunos presente na quinta questão da entrevista, verificou-se que todas as professoras demonstram que a prática avaliativa não é realizada apenas em alguns momentos. Como afirmou P2 que: “[...] A avaliação é realizada após a chegada do aluno como instrumento diagnóstico, sendo o ponto de partida que irá

permeiar o processo de aprendizagem”. Ou seja, a avaliação é um processo contínuo e permanente do processo de ensino e aprendizagem dos alunos.

Em relação aos tipos de instrumentos avaliativos mais utilizados pelos professores em sua prática pedagógica para avaliar seus alunos em sala de aula, será representado por meio do gráfico os mais citados pelas professoras entrevistadas e a porcentagem de cada resposta:

**Gráfico 1:** Instrumentos avaliativos usados em sala



Fonte: Elaboração da autora – 2017

É notável que o professor que se preocupa com o aprendizado dos alunos, priorize que o mesmo seja orientado a uma prática reflexiva de análise de suas aprendizagens, mas para que isso aconteça, é necessário que o professor instigue este aluno a partir de ações vivenciadas do cotidiano tais como: estudos, pesquisas, orientações para a continuidade de seus estudos, traçando metas pessoais e coletivas, superando as dificuldades que assim surgirem.

Pelas respostas das entrevistadas, percebe-se, que não fizeram uso de novos instrumentos e formas avaliativas como: portfólio, dramatizações, exposições, autoavaliação. Infelizmente são sempre os mesmos instrumentos, sem modificações. Destacaram os instrumentos avaliativos mais usuais.

Conforme Luckesi (1997), os instrumentos de avaliação da aprendizagem, não devem ser quaisquer instrumentos, mas sim, os adequados para coletar os dados que o professor necessita para configurar o nível de aprendizagem do aluno. O professor deve usar todos os recursos disponíveis e possíveis para obter o máximo de informações sobre o desenvolvimento e o aproveitamento escolar do aluno. Nesse aspecto:

[...] Quaisquer que sejam os instrumentos – prova, teste, redação, monografia, dramatização, exposição oral, arguição... – necessitam manifestar qualidade satisfatória como instrumento para ser utilizado na avaliação da aprendizagem escolar, sob pena de estarmos qualificando inadequadamente nossos educandos e, conseqüentemente, praticando injustiças. Muitas vezes, nossos educandos são competentes em suas habilidades, mas nossos instrumentos de coleta de dados são inadequados e, por isso, os julgamos, incorretamente, como incompetentes. Na verdade, o defeito está em nossos instrumentos, e não no seu desempenho. Bons instrumentos de avaliação da aprendizagem são condições de uma prática satisfatória de avaliação na escola. (LUCKESI, 1997, p. 10).

Com isso, pode-se perceber que os instrumentos de avaliação devem ser construídos para auxiliar a aprendizagem dos educandos e não como forma de “castigo” para averiguar se sabem ou não determinados conteúdos. É fundamental o feedback no retorno do processo avaliativo ao aluno e um momento para solicitar esclarecimentos sobre a correção feita pelo professor. Para Vasconcellos (1998, p. 70), “[...] isto é o mínimo que se espera numa relação democrática de ensino”. É fundamental a troca de conhecimentos nesse processo educativo.

Existe hoje, uma diversidade ampla de instrumentos de avaliação como foi demonstrado acima, porém um instrumento inadequado, presente tanto na teoria como na prática docente, pode ser desastroso na avaliação da aprendizagem do seu aluno, ou em qualquer tipo de avaliação, na medida em que não faça uso correto, de forma significativa e com qualidade, dos dados necessários para o processo de avaliação, pois tanto o ensino como a aprendizagem precisa ser avaliado constantemente.

#### 5.6 As principais dificuldades encontradas em avaliar seus alunos.

Elas apresentaram diferentes abordagens quanto a esta questão. Vejamos a seguir conforme as falas das entrevistadas:

A oralidade nas aulas de língua portuguesa como o objetivo principal é a leitura e escrita para que o aluno tenha uma escrita ampla, como também depende dos alunos com relação à aprendizagem para enfrentar tais dificuldades. (P1, 2017).

Uma das principais dificuldades que encontro que a falta de participação da família, verifico que no caso de algumas crianças falta esse incentivo maior. Nós docente precisamos desse apoio (P2, 2017).

As dificuldades são varias, mas a pior delas é o desinteresse dos próprios alunos em aprender tal conteúdo, acredito que é o mais agravante, depois tem os outros que são associados por este que é o principal na minha opinião (tarefas não concluídas e trabalhos, nervosismo, timidez, medo, falta de responsabilidade e compromisso quanto aluno) (P3, 2017).

Na minha opinião é a falta de reflexão, auto avaliação e discussão por parte dos alunos. Na discussão ele pode refletir e avaliar enquanto aprende, ver os erros que cometeu e aprender com eles. Os

professores com raras exceções sentiram medo da discussão e da crítica do seu trabalho e o aluno tem medo de se posicionar e ser punido por ter posicionamento diferente do professor. (P4, 2017).

A falta de leitura do aluno, porque muitas das vezes eles não querem ler para melhor entender as coisas (P1, 2017).

De acordo com a fala das professoras, percebe-se que elas consideram a oralidade durante as aulas relevante, o que nos permite observar o quanto a alfabetização se configura como sendo a conquista da prática da leitura e da escrita para um bom desempenho no ano letivo. A professora P2 expressa que a principal dificuldade encontrada está na falta de participação da família, pois falta o incentivo maior no caso de algumas crianças e os docentes necessitam desse apoio para seguir com um trabalho mais eficaz.

Nota-se, a importância da família e da escola diante do processo de avaliação das crianças, essa relação tem sido apontada com muita intensidade nos discursos dos professores. Com isso podemos destacar que o magistério não é uma tarefa fácil e a avaliação é uma das funções que exige cuidado e observação do professor, para avaliar adequadamente o aluno, a tarefa do professor ao avaliar exige competência, discernimento, equilíbrio, além, é claro, de conhecimentos técnicos.

Destaco o comentário da P3 que vai além quando relata que as dificuldades são várias e chama a atenção para alguns itens que desconsidero ser o mais agravante como a mesma expõe, pois muitas vezes, o desinteresse do aluno não é unicamente culpa dele, devemos procurar entender o que está por trás desse desinteresse, que o emerge durante as suas atividades em não querer aprender o que está sendo proposto, em não manter-se responsável e comprometido com os seus estudos. Percebe-se, que o professor ainda tem aquela ideia: eu ensino, o aluno deve aprender e depois eu avalio no final. Na verdade, a avaliação tem que acontecer constantemente. É necessário um olhar reflexivo para observar o aluno dia após dia.

Nessa acepção, pode-se perceber o quanto muitos professores ainda avaliam a partir do que não é essencial à aprendizagem escolar, deixando de lado a verdadeira essência do que seja o ato de avaliar o aluno, impedindo-os de construir seus próprios conhecimentos. Às vezes, o professor não tem a sensibilidade de perceber o que é de fato essencial para o aluno, o que é aplicável e por isso avalia de forma errada e muitas vezes equivocada. Destaco ainda, nessa fala, quando a mesma se refere à timidez, ao medo, bem como a responsabilidade e o compromisso de uma criança, sem colocar em essência o que está por trás de tudo isso, sem enxergar o lado humano de uma criança que pode ser bem mais intrigante, saber o que se passa com a criança naquele momento é essencial para entender esse processo.

Nessa direção, Luckesi (1997, p.76) coloca:

Pela avaliação, nós professores, muitas vezes, “matamos” nossos alunos, matamos a alma bonita e jovem que eles possuem; reduzimos sua criatividade, seu prazer, sua capacidade de decisão. E a seguir, reclamamos que nossos alunos não são criativos. Como poderão ser criativos, se estivemos, permanentemente, a estiolá-los aos poucos com nosso autoritarismo arbitrário?

É notório que boa parte dos docentes apresentam dificuldades em avaliar o aluno em sua totalidade, desconsiderando o contexto em que o mesmo está inserido, o que acaba por prejudicar no desenvolvimento das suas capacidades. Avaliar sem reflexão ou simplesmente para selecionar, costuma dar menos trabalho para o docente e provavelmente em virtude disso, seja esta a maneira de avaliar mais utilizada por grande parte dos educadores contemporâneos.

O relato da P4 nos permite fazer uma reflexão ao abordar que podemos aprender com nossos próprios erros. O erro, no caso da aprendizagem, não deve ser fonte de castigo, pois, na visão mediadora o erro é um suporte para autocompreensão e para o crescimento individual e coletivo. Podemos fazer dos erros dos alunos ricas fontes de informação e saber para o professor.

Segundo Hoffmann (2000, p. 85), “[...] os registros de avaliação devem responder questões que parecem esquecidas na escola: O aluno aprendeu? Ainda não aprendeu? Quais os encaminhamentos feitos ou por fazer nesse sentido?” O que fica claro que muitos professores valorizam apenas as respostas erradas dos alunos para dar continuidade à ação educativa, corrigindo e apontando o que julgam que seja o certo.

O que podemos perceber é que a escola ao longo da história tem falhado ao avaliar e os professores por sua vez apresentam certa dificuldade de conciliar teoria e prática ao avaliarem e acabam por deixar de lado as teorias estudadas, utilizando procedimentos avaliativos excludentes.

5.7 Em qual momento as entrevistadas avaliam seus alunos. Houve um consenso em reconhecer que o mesmo ocorre durante todo o processo de ensino e aprendizagem. Diante de tal questionamento as docentes discorrem com clareza:

Eles são avaliados durante todo o processo de aprendizado através das atividades propostas e parecer avaliativo (P1, 2017).

Durante todo o processo de ensino aprendizagem (P2, 2017).

Durante todo o processo de ensino aprendizagem. Acontecem através de participação em sala de aula, tarefas de casa realizadas e trabalhos feitos e organizados, comportamento durante o procedimento metodológico (P3, 2017).

Durante todo o processo de ensino aprendizagem. Através de uma avaliação inicial, que visa identificar em que momento do processo de aprendizagem o aluno se encontra, também com a avaliação da aprendizagem que objetiva diagnosticar as insuficiências ocorridas no processo de ensino (que entram as provas, os testes e exames) (P4, 2017).

Durante todo o processo de ensino, mas, como é uma turma do 5<sup>a</sup> ano do ensino fundamental e se trata de uma turma que é avaliada anualmente pelo MEC eu faço avaliação diagnóstica preparatória sempre voltada para a leitura, interpretação de textos e produções escrito, e claro sem esquecer os cálculos matemáticos (P5, 2017).

Ao analisar a fala das educadoras, percebe-se que elas entendem claramente o momento de avaliar seus alunos, partindo de uma percepção diagnóstica, como ponto inicial de partida, considerada um ótimo caminho para avaliar os conhecimentos dos seus alunos e tentar assim sanar as dificuldades que eles demonstram durante o processo preparatório.

Nas respostas das professoras pode-se perceber que algumas vezes entram em contradição, pois, enquanto a primeira questão algumas demonstra um processo avaliativo baseado na classificação, nesta questão as mesmas consideram aspectos bastante relevantes na construção de um processo mediador quando relatam que avaliam durante todo o processo de ensino e aprendizagem diagnosticando e preparando os alunos. Nesta perspectiva, se avaliamos durante todo o processo então levamos em conta todas as particularidades e dificuldades dos alunos, ajudando-os quando necessário o que se busca uma prática avaliativa mediadora do processo de ensino e aprendizagem. Com isso, a avaliação deve ser organizada de forma a favorecer a aprendizagem dos alunos, promovendo a evolução dos alunos, mas acima de tudo respeitando o tempo de cada um de aprender no seu ritmo.

Hadji (2001) complementa que os professores devem colocar a avaliação a serviço das aprendizagens, com isso, uma prática de avaliar deve auxiliar a outra que é aprender. Entretanto, esta avaliação deve ser: contínua, formativa e individualizada, sendo assim, mais um elemento do processo de ensino aprendizagem, o qual permite ao professor, conhecer o resultado de suas ações didáticas, podendo assim, melhorá-las se preciso for.

Portanto, diante das dificuldades ainda encontradas, é necessário que os educadores repensem sua prática, por isso a importância de estar preparado, de ter uma formação e buscar sempre novos conhecimentos. Assim, cabe ao professor buscar alternativas, para uma nova postura frente a difícil tarefa de avaliar. O professor precisa pensar e criar caminhos para que todos alcancem os objetivos propostos, o que exige, dos professores, mudanças e qualificação profissional.

5.8 Ao responder a oitava questão as entrevistadas discorreram sobre a avaliação no processo de ensino e aprendizagem, enfatizando os pontos imprescindíveis que consideram relevantes no ato de avaliar. Logo descrevem as professoras sobre o ato de avaliar:

É um processo contínuo que poderá proporcionar grandes aprendizagens e sendo utilizada adequadamente no processo pode ser um recurso para orientação do trabalho docente (P1, 2017).

Como já mencionei em questões anteriores a importância da avaliação no processo contínuo de ensino e aprendizado consiste em verificarmos o quanto o nosso aluno já aprendeu, avaliar a nossa própria postura enquanto docente em sala de aula, analisar se a nossa metodologia de ensino está adequada, se estamos proporcionando um ambiente propício a aprendizagem. Tudo isso em busca de melhorias visando um objetivo maior que é a aprendizagem dos nossos educandos (P2, 2017).

O ato de avaliar é um processo contínuo onde através dele podemos identificar as competências do aluno e adequá-las para alcançarmos nossos objetivos enquanto educador (P3, 2017).

A avaliação é um forte instrumento do trabalho docente que serve como base para observar se o aluno aprendeu ou não, no entanto é uma tarefa bastante complexa, onde é preciso ter um olhar mais amplo que gere mudanças na prática educativa se preciso for (P4, 2017).

Acho que já me antecipei e já fiz isso na questão anterior. A avaliação no processo de ensino aprendizagem é também um processo contínuo de ação-reflexão-ação. Como nos afirma Luckesi “avaliar é uma tomada de fôlego”, o que não podemos ver a avaliação como uma forma de punição do aluno, mas sim a avaliação deve ser vista como uma forma de saber: Onde estamos? Como estamos? Para onde vamos? E como iremos agora? (P5).

Nesse repensar observa-se diante da fala das docentes, que o ato de avaliar é um processo contínuo que vem modificando-se ao longo dos tempos, onde os professores já direcionam um novo olhar para a avaliação de uma forma mais ampla e flexível, sendo assim, um instrumento do trabalho docente para a coleta de dados que favoreçam o processo de ensino, visando mostrar tanto ao professor quanto ao aluno o seu desempenho durante a aprendizagem. Para Demo (1999, p.41), a:

[...] A avaliação há de ser um processo permanente e diário, não uma intervenção ocasional, extemporânea, intempestiva, ameaçadora. A prova é vista como ato de força, barreira dura de ser superada. O resultado dela é típico: em vez de fortalecer o projeto educativo, concede ou retira a “aprovação” sem falar que não representa uma maneira de avaliar, na qual o avaliado possa adequadamente se defender.

Portanto, avaliar a aprendizagem como bem já mencionou, não é algo tão fácil, pelo contrário, se configura como uma atividade complexa, que requer desempenho e muita reflexão por parte de quem a executa. Para Hoffmann (2001, p.78), “[...] relação professor e aluno, via avaliação, constitui um momento de comunicação para os dois sujeitos, em que

cada um deles estará interpretando, observando, propondo, revendo, e refletindo sobre o conteúdo, os procedimentos, enfim, a efetivação da aprendizagem”.

Sendo assim, a importância da avaliação no processo de ensino e aprendizagem é indiscutível. Como ressalva a entrevistada P5 na sua fala quando expõe ser também “um processo de ação-reflexão-ação”. A ação estará sempre refletida em nossas ações, pois, ao avaliar o aluno o professor está avaliando o seu trabalho, portanto, a avaliação está sempre presente na sala de aula e em diversos momentos, fazendo parte da rotina escolar.

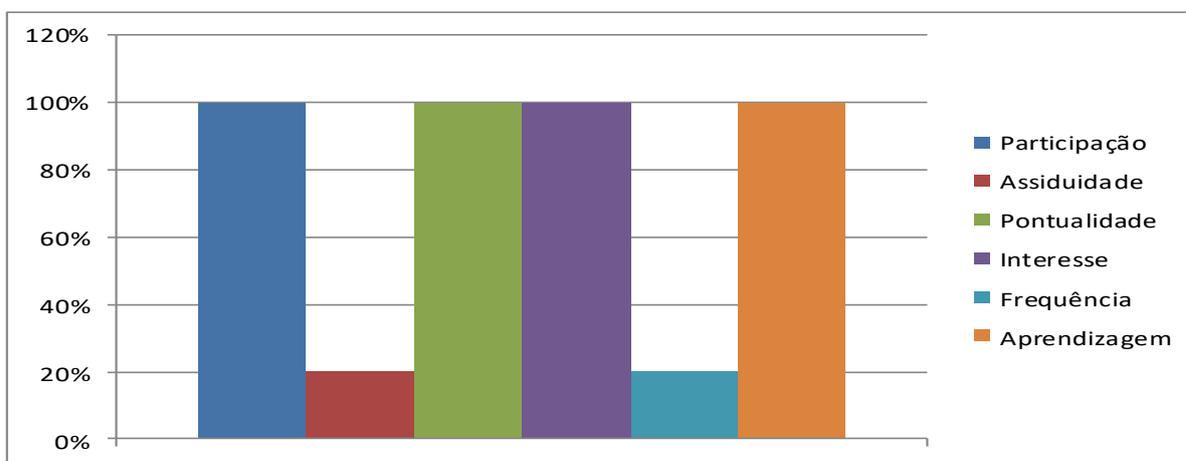
Com base nessa resposta, percebemos claramente o entendimento da professora no que diz respeito ao ato de avaliar que comporta um sentido bem mais amplo, que reflete em diversas situações, onde não podemos recompensar ou punir através da avaliação. Se a intenção é a aprendizagem do aluno, o processo avaliativo deve considerar a turma de alunos, a individualidade de cada um, deve ser contínuo, um ato de amor, como afirma Luckesi (2002, p. 171) “[...] o ato amoroso é um ato que acolhe atos, ações, dores e alegrias como eles são; acolhe para permitir que cada coisa seja o que é neste momento.”

De acordo com a fala de P1 e P4 a avaliação deve ser um processo contínuo que poderá proporcionar aprendizagem, desde que seja utilizada adequadamente no processo, auxilia na orientação do trabalho docente, servindo como base de observação do aluno, mantendo um olhar mais amplo visando possibilitar mudanças na prática educativa. Com isso ressalvo o principal objetivo da avaliação que não é o de classificar nem selecionar, mas contribuir para o crescimento da criança em processo, podendo auxiliar na prática docente do professor.

Segundo nos PCN (1997) a avaliação serve de indicador para orientar a prática educacional, mostrando ao professor quando é preciso realizar mudanças no processo educativo. Para tanto, não pode ser feita apenas em momentos específicos, faz-se necessário ocorrer diariamente.

Portanto, esse é um grande desafio da escola hoje. A avaliação do desempenho dos alunos deve ser entendida sempre como instrumento a serviço da aprendizagem, da melhoria na prática do professor e do aprimoramento da escola.

Diante da nona questão elaborada procurou-se colher informações dos aspectos que as entrevistadas levam em consideração no momento da avaliação dos alunos. Dentre essa questão objetiva todas as entrevistadas responderam por unanimidade que consideram os aspectos de: participação, pontualidade, interesse e aprendizagem justificando a escolha dos itens expostos. Apenas a P2 acrescentou os itens de frequência e assiduidade como pontos essenciais a serem considerados no processo avaliativo, como demonstra no gráfico abaixo.

**Gráfico 2: Aspectos de Avaliação do aluno**

Fonte: Elaboração da autora (2017).

Desse modo, o modelo de avaliação não deve se expor apenas por números, como por provas e testes, mas basear-se em novos modos de análise, de coleta de dados e outros meios, além dos itens citados no quadro, que são fundamentais no processo avaliativo e que favorecem ao educador e demais responsáveis pela aprendizagem do corpo discente. Nessa perspectiva expõe Luckesi (2002, p.118):

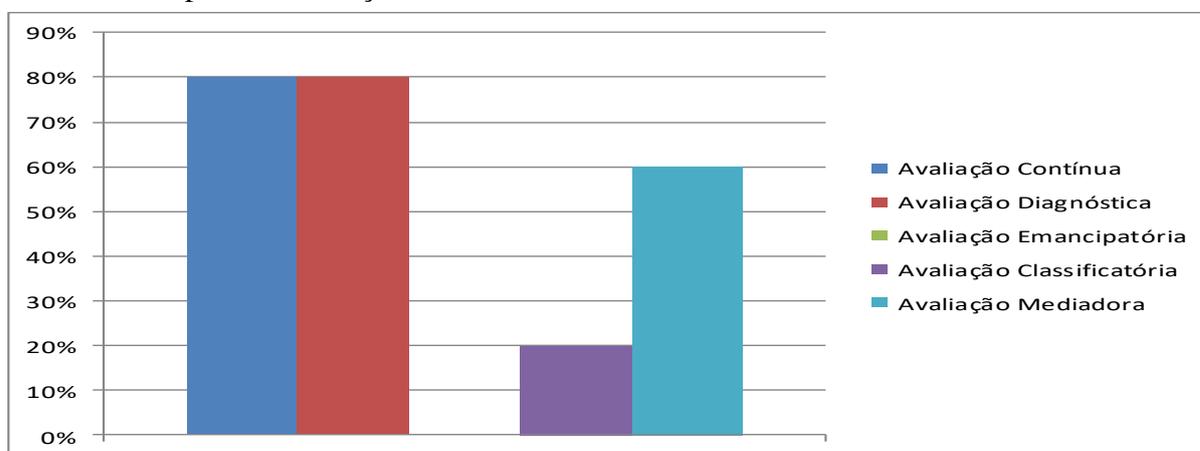
[...] A avaliação atravessa o ato de planejar e de executar; por isso, contribui em todo o percurso da ação planejada. A avaliação se faz presente não só na identificação da perspectiva político social, como também na seleção de meios alternativos e na execução do projeto, tendo em vista a sua construção. [...] A avaliação é uma ferramenta da qual o ser humano não se livra. Ela faz parte de seu modo de agir e, por isso, é necessário que seja usada da melhor forma possível.

Contudo, o que podemos perceber é que ainda o método de avaliação mais utilizado é o classificatório, prevalecendo o sistema de provas, sistema pelo qual os alunos são punidos e ameaçados de reprovação caso não atinjam uma boa nota. Tal método tem como principal objetivo verificar erros e acertos do aluno, não se preocupando com o que ele realmente aprendeu durante o seu processo de ensino aprendizagem, o que torna o processo avaliativo bastante desgastante e repressor.

5.9 Para finalizar as entrevistas, as professoras responderam a décima questão expondo suas compreensões, sobre **o tipo de avaliação que elas utilizam no processo avaliativo com seus alunos**. Nesse sentido, as professoras *P1*, *P2*, *P4* e *P5* pontuaram três tipos essenciais de avaliação dentre elas: Avaliação contínua, avaliação diagnóstica e

avaliação mediadora como demonstra o gráfico a seguir.

**Gráfico 3 - Tipos de Avaliação**



Fonte: Elaboração da autora (2017).

Destaco assim a fala da P5:

Porque se o professor tiver o conhecimento de como trabalhar diagnosticando os problemas de aprendizagem do aluno, sendo um bom mediador nas suas dificuldades e avaliar de modo contínuo, ele pode conseguir bons resultados na avaliação e deixar o seu aluno confiante (P5, 2017).

Esta professora demonstra o seu entendimento sobre o processo avaliativo pautado na sua fala, o que foi alvo de todo nosso trabalho até aqui descrito, basear o processo avaliativo numa perspectiva de avaliação contínua, diagnóstica e mediadora ancorada no construtivismo, concebendo as produções dos alunos como um processo de construção do conhecimento, e não como o mesmo sendo uma tábua rasa que chega a escola sem nenhum conhecimento. Diante disso contata-se que a avaliação mediadora possibilita ao aluno construir seu conhecimento, respeitando e valorizando suas ideias, ou seja, faz com que o aluno coloque em prática toda sua vivência.

Quanto a P3, é importante destacar que ela utiliza-se da avaliação classificatória como método avaliativo com seus alunos, o que demonstra ser uma avaliação que não favorece no crescimento do processo de ensino e aprendizagem. Sendo assim, Perrenoud (1999, p. 123) considera essa avaliação como uma “forma para manter o poder de controle sobre os alunos”, isto é, o professor que avalia dessa forma assume “o papel de controlador e de balizador das notas”. Dessa forma, uma avaliação classificatória retira qualquer possibilidade de

desenvolvimento do indivíduo, visando apenas resultados.

De acordo com Hoffmann (1998), quando o professor recorre à avaliação classificatória rompe com o processo prazeroso que deveria acompanhar o ato de aprender. Com isso o professor estará desconsiderando o crescimento individual do aluno, tendo apenas o objetivo de classificá-lo segundo seus critérios. A avaliação da aprendizagem deve fazer parte da rotina da sala de aula, sendo utilizada de forma contínua e processual, como um dos aspectos complementares do processo ensino e aprendizagem. Por meio dos resultados e a construção do arcabouço teórico, podemos concluir que ainda a avaliação é voltada para a classificação, tendo a nota como aspecto principal. No entanto, antes desse trabalho, não tinha dimensão da importância do ato de avaliar para o processo de aprendizagem e formação do indivíduo. Minha concepção de avaliação se limitava a provas, trabalhos, notas, etc., uma interpretação errônea, uma vez que esses são instrumentos de avaliação. Como já definimos tendo como base outros autores, avaliar é uma relação dialética entre professor e alunos, onde o aluno faz uso dela para verificar suas aprendizagens e, o professor, para garantir a qualidade e a efetividade dessas aprendizagens.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi analisar as percepções, instrumentos e práticas de avaliação que permeiam o cotidiano escolar, de modo a demarcar o papel da avaliação no dia a dia de uma escola pública municipal de ensino fundamental, explicitando os diferentes entendimentos sobre a temática na visão de vários autores, visando, compreender o que as professoras pensam a respeito do processo de avaliação da aprendizagem no contexto da sala de aula.

Ao abordar as percepções e práticas avaliativas vivenciadas no contexto da sala de aula, verifica-se a princípio, a importância que devemos dar ao professor de conhecer os inúmeros modelos e instrumentos avaliativos para desencadear nos alunos o interesse de aprender diante do cenário educacional em que vivemos atualmente.

Em decorrência das diversas práticas avaliativas e das transformações na sociedade, a cada dia, o volume de informações e conhecimentos que estão sendo veiculados por diversos meios, está gerando uma insegurança e inquietação nos educadores, hoje ensinar não está sendo uma tarefa tão simples, diante das profundas transformações que estão ocorrendo, mudanças políticas, sociais, econômicas, culturais e a necessidade de uma formação ética e humana, exige um novo perfil de professor.

Desse modo, a avaliação também sofreu diversas alterações em suas concepções, funções e características, contudo percebemos a dificuldade dos professores que mesmo tentando ter concepções modernas acerca da avaliação, sentem dificuldade de colocar em prática estes modelos inovadores e acabam ainda usando métodos que apenas classificam e rotulam seus alunos.

As concepções de avaliação da aprendizagem das cinco professoras entrevistadas, dão conta de que, em muitos momentos, estas professoras acabam aproximando seus discursos de uma avaliação formativa, afirmando utilizar o processo avaliativo de forma mais contínua, verificando os erros dos alunos, tentando diagnosticar o que eles não compreenderam, acompanhando suas dificuldades, apoiando-os e sugerindo novos rumos mais adequados. Porém, a maioria das professoras deixa transparecer, na maior parte do tempo, uma prática de avaliação mais tradicional, ou seja, mais classificatória, dando provas escritas para atribuição de notas que visam os conhecimentos adquiridos pelos alunos, não considerando o tempo de aprendizagens dos alunos e classificando-os em relação às suas notas.

Ficou perceptível, que quando o assunto é avaliação, os instrumentos avaliativos ainda são aqueles baseados em verificar o conhecimento do aluno por meio da atribuição de notas,

apesar dos avanços ainda temos este olhar de que somente se aplicarmos provas escritas, testes e exames faremos uma boa avaliação de nosso aluno, o que se caracteriza como um desastroso instrumento avaliativo.

Sabemos, no entanto, que avaliar é muito mais do que atribuir um número ao aluno para representar seu desenvolvimento, o que nem sempre é favorável ao aluno, para que efetivamente façamos uma avaliação que contemple as necessidades e anseios dos nossos alunos, devemos ser professores comprometidos com a mudança na educação, só assim a avaliação privilegiará as habilidades dos alunos considerando suas especificidades, que não seja uma avaliação mascarada, onde se aplicam testes de conhecimentos para uma verificação e classificação de conhecimentos.

Sob o mesmo ponto de vista, os alunos são vistos como seres quantitativos e rotulados pelo seu histórico escolar, o que deveria ser o contrário, pois o professor deve buscar um processo a possibilitar que o aluno tire suas conclusões, organize seu raciocínio e seja construtor do seu próprio desenvolvimento.

É partindo desses pressupostos que devemos começar a ver a avaliação com outra percepção, em outra dimensão. Necessita-se de uma avaliação contínua, formativa, mediadora, na perspectiva do desenvolvimento integral do aluno, identificando as possíveis causas de seus fracassos ou dificuldades visando uma maior qualificação e não somente uma quantificação da aprendizagem.

Entretanto, mesmo o professor tentando aplicar uma avaliação contínua, esta avaliação não tem nenhum sentido se não buscar manter uma pedagogia diferenciada com métodos inovadores, principalmente porque a nota ainda é o aspecto primordial dentro do contexto escolar que prevalece no processo avaliativo. É preciso mudar essa concepção, oportunizar mais vezes o aluno, se ele não foi bem à avaliação de determinada matéria, cabe ao professor avaliar de forma contínua as dificuldades que o fizeram a não se sair bem naquele momento, pois é a partir do erro que podemos avaliar os alunos de forma positiva e enriquecedora, mas nunca rotulando-os, com isso fazer da sala de aula um lugar de aprendizado, ensinamentos, agradável e prazeroso de estar presente.

Diante dos estudos com base na literatura e observando a escola pesquisada, podemos concluir que ainda a avaliação é voltada para a classificação, tendo a nota como aspecto primordial. Infelizmente, a sociedade também apresenta muita resistência em relação a mudanças no sistema de avaliação, para muitos docentes, pais e coordenação, somente através da nota é que se torna possível perceber se o aluno aprendeu ou não. É preciso mudar, deixar de lado o desencanto avaliativo proporcionando um ensino mais significativo aos seus alunos,

conduzindo os professores a reverem suas práticas, atuando dentro de um processo reflexivo, refletindo sobre a trajetória das suas atividades.

O resultado obtido com as entrevistas aplicada reforça que ainda enfrentamos um processo de transformação e de conscientização por parte não só dos educadores, como também do sistema educacional em relação ao que seja realmente o papel da avaliação da aprendizagem e sua função frente a tantos obstáculos. Portanto, ao analisarmos as entrevistadas foi possível alcançar o entendimento que o ato de avaliar é algo muito mais complexo e deve ser realizado com cautela e prudência, uma vez que seus resultados podem ser utilizados pelo professor para melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem de seus alunos, como também podem ser usados como meio de punição, o que não deve acontecer, para seus alunos. A avaliação da aprendizagem, se diagnóstica e mediadora, estará sempre a favor do aluno, de seu sucesso, e, por conseguinte da humanização do ensino, pois certamente uma escola só será democrática e de qualidade se der conta dos alunos que recebe, conduzindo todos a uma aprendizagem.

Como acadêmica do curso de Pedagogia, realizar este trabalho foi muito significativo. Mudei minha postura em relação ao ato de ensinar, ao entender que a avaliação pode ser uma grande aliada do educador. O próprio planejamento das aulas, baseados em objetivos que o aluno deve expressar após ser submetido a determinadas aprendizagens, passou a ter mais sentido quando olhado com esse novo enfoque. Até os alunos se sentem mais motivados a estudar porque sabem, claramente, o que estão fazendo e o que devem demonstrar. De fato, esse trabalho foi um “divisor de águas” em minha prática pedagógica e fico feliz ao saber que todo o esforço e determinação exigidos pelo Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) valeram a pena, pois hoje tenho uma nova percepção do que seja o ato de avaliar.

Nesse sentido, concluímos entendendo ser necessário que se quebrem as barreiras e que haja esclarecimentos dentro da própria escola para pais, professores e alunos compreenderem de forma coerente o processo de avaliação, que prevaleça uma avaliação na perspectiva mediadora, acreditando assim, que é possível avaliar sem fazer julgamento e compreender que no processo de aprendizagem, cada criança tem seu momento para aprender, levando em conta a realidade cultural e social que estão inseridos; investir na formação continuada dos professores, por meio de estudos, pois apesar de possuírem concepções inovadoras acerca da avaliação, sentem dificuldade de modificar sua postura em sala de aula.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

DEMO, Pedro. **Mitologias da Avaliação: De como ignorar, em vez de enfrentar problemas**. Campinas, Autores Associados. 2002.

\_\_\_\_\_. **Avaliação qualitativa**. 6ª Edição. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.

\_\_\_\_\_. **Ser professor é cuidar que o aluno aprenda**. Porto Alegre: Mediação, 2004.

ESTEBAN, Maria Teresa. **Uma avaliação de outra qualidade**. Presença Pedagógica, vol. 2, São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_. **A Avaliação no Cotidiano Escolar**. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

\_\_\_\_\_. **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. 4ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

GADOTTI, Moacir. **Avaliação e autonomia da escola**. In José Eustáquio Romão, *Avaliação dialógica: desafios e perspectivas* (p. 7-10). São Paulo: Cortez. 2001.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica: escolhendo o percurso metodológico**. Campinas, SP: Alínea, 2001.

HADJI, Charles. **Avaliação Desmistificada**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

HAYDT, Regina Célia Cazaux. **Curso de Didática Geral**. São Paulo: Ática, 1994.

\_\_\_\_\_. **Avaliação do processo ensino- aprendizagem**. São Paulo: Ática 1997.

HOFFMANN, J. **Avaliação Mediadora: uma prática em construção da pré- escola a universidade**. Porto Alegre: Mediação, 2000.

\_\_\_\_\_. **Avaliação – mito e desafio**. Porto Alegre: Educação e Realidade, 1997.

\_\_\_\_\_. **O jogo do contrário em avaliação**. Porto Alegre: mediação, 2009. 192 p.

\_\_\_\_\_. **As múltiplas dimensões do olhar avaliativo**. In: \_\_\_\_\_. *Avaliar para promover: as setas do caminho*. Porto Alegre: Mediação, 2001, p. 59-73.

\_\_\_\_\_. **Avaliação pontos e contra pontos: do pensar ao agir em avaliação**. Porto Alegre. Mediação, 1998.

LUCKESI, Cipriano. **Avaliação da Aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

\_\_\_\_\_. **Avaliação da aprendizagem Escolar**, 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1997.

\_\_\_\_\_. **Verificação ou avaliação: o que pratica a escola?** Série Ideias, n. 8, São Paulo: FDE, 1998.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. Abordagens qualitativas de pesquisa: a pesquisa etnográfica e o estudo de caso. In \_\_\_\_ Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MINAYO, Maria. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

MORETTO, Pedro Vasco. **Prova um instrumento privilegiado de estudo não um acerto de contas**. 6ª ed. Rio de Janeiro, 2005.

NETO, Ana Lúcia Gomes C; AQUINO, Josefa de Lima F. **A avaliação da aprendizagem como um ato amoroso: o que o professor pratica?** Educação em Revista, Belo Horizonte, v.25, n.2, p.1-7, ago.2009. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010246982009000200010](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010246982009000200010). Acesso em: 13 jul.2017.

OLIVEIRA, Zilma Mores Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2003.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 2ª ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SANT'ANNA, Ilza Martins. **Por que avaliar? Como avaliar?** Critérios e instrumentos. 3ª Edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

VASCONCELOS, Celso dos Santos. **Avaliação da Aprendizagem: Práticas de mudança por uma práxis transformadora**. São Paulo: Libert

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como colaborador (a) na pesquisa **PERCEPÇÕES, PRÁTICAS AVALIATIVAS E INSTRUMENTOS VIVENCIADOS NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM** orientado pela professora Dra. Maria de Lourdes Campos, vinculada à Universidade Federal de Campina Grande, Unidade Acadêmica de Pedagogia, Centro de Formação de Professores, Cajazeiras – PB.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo colher informações sobre o trabalho docente de como ocorre o processo avaliativo no contexto da sala de aula; e, se faz necessário empreender esta pesquisa para que possamos encontrar a resposta.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte (s) procedimentos: responder a uma entrevista, sendo que, para isto, receberá as devidas orientações. Os riscos envolvidos com sua participação são: desconforto pelo tempo exigido ou até um constrangimento em responder alguns questionamentos. Para que não haja desconforto ou constrangimento, você pode optar por não responder ao proposto sem que lhe cause prejuízos. Os benefícios da pesquisa serão: colaboração na construção dessa pesquisa.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome só será divulgado com o seu consentimento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não cause prejuízo ou dano ao colaborador.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a graduanda Eliana Bezerra Coelho, cujos dados para contato estão especificados abaixo.

#### Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: Eliana Bezerra Coelho

Instituição: Universidade Federal de Campina Grande – CFP - UAL

Endereço: Rua Lourival Gomes de Albuquerque, Cajazeiras - PB

Telefone: (83) 998739260

E-mail: elianacoordenadora23@hotmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2017.

\_\_\_\_\_  
Assinatura ou impressão datiloscópica  
do entrevistado ou responsável legal

\_\_\_\_\_  
Eliana Bezerra Coelho

## APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO - PEDAGOGIA



**Orientanda: Eliana Bezerra Coelho**

**Orientadora: Professora Doutora Maria de Lourdes Campos**

**Prezada Professora**

A sua participação nesta pesquisa é imprescindível e significativa. Os dados coletados têm como objetivo contribuir para elaboração de Monografia do Curso de Pedagogia da UFCG – PB. Conto com seu apoio e colaboração para este momento.

### **DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROFESSOR (A)**

Idade: \_\_\_\_\_ Gênero ( ) Masculino ( ) Feminino

Estado Civil: ( ) casado (a) ( ) solteiro (a)

Formação Acadêmica: \_\_\_\_\_

Graduação: ( ) sim ( ) Não - Qual \_\_\_\_\_

Especialização: ( ) sim ( ) Não - Qual \_\_\_\_\_

Tempo de atuação no magistério: \_\_\_\_\_

Tempo de atuação como docente na escola / classe: \_\_\_\_\_

Série que leciona: \_\_\_\_\_

### **QUESTÕES DE ENTREVISTA**

1 Na sua concepção o que é avaliar?

2 A avaliação adotada na disciplina é coerente com os objetivos propostos no plano de ensino?

3 Para você qual o objetivo e a função central da avaliação na aprendizagem dos alunos?

4 Para que serve a avaliação realizada na sala de aula?

( ) Para atribuir notas ( ) Para verificar a aprendizagem

( ) Para avaliar o conhecimento do aluno ( ) Para cumprir as normas da escola

( ) Para diagnosticar as dificuldades do aluno ( ) Para avaliar a metodologia aplicada

5 Quais instrumentos avaliativos você utiliza com mais frequência para avaliar seus alunos em sala de aula?

- |                                                                |                                                          |
|----------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Provas escritas dissertativas         | <input type="checkbox"/> Questões certo-errado ( C e E)  |
| <input type="checkbox"/> Provas escritas de questões objetivas | <input type="checkbox"/> Questões de múltipla escolha    |
| <input type="checkbox"/> Questões de lacunas                   | <input type="checkbox"/> Questões de correspondência     |
| <input type="checkbox"/> Questões de interpretação textual     | <input type="checkbox"/> Atividades diária               |
| <input type="checkbox"/> Seminários                            | <input type="checkbox"/> Trabalhos em grupo e individual |

6 Quais as principais dificuldades em avaliar o seu aluno?

7 Em que momento você avalia seus alunos: Durante todo o processo ensino aprendizagem ou somente no final de um bimestre? Como isso acontece?

8 Discorra um pouco sobre a avaliação no processo de ensino e aprendizagem. Quais os pontos imprescindíveis que você considera relevantes para o ato de avaliar?

9 No momento em que você avalia o aluno, que aspectos leva em consideração?

- |                                       |                                       |
|---------------------------------------|---------------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Participação | <input type="checkbox"/> Interesse    |
| <input type="checkbox"/> Assiduidade  | <input type="checkbox"/> Frequência   |
| <input type="checkbox"/> Pontualidade | <input type="checkbox"/> Aprendizagem |

10 Que tipo de avaliação você usa?

- Avaliação continua
- Avaliação classificatória
- Avaliação Diagnóstica
- Avaliação mediadora
- Avaliação Emancipatória

- Justificativa: \_\_\_\_\_

Obrigada pela cooperação!  
A pesquisadora.